



**UNIVERSIDADE DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

MARIA DA SILVA DE LIMA DO NASCIMENTO

**TRAJETÓRIAS PARA O ACESSO E PERMANÊNCIA À LICENCIATURA
EM BIOLOGIA DA UFRB: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA
EGRESSA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Cruz das Almas-BA

2023

MARIA DA SILVA DE LIMA DO NASCIMENTO

**TRAJETÓRIAS PARA O ACESSO E PERMANÊNCIA À LICENCIATURA
EM BIOLOGIA DA UFRB: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA
EGRESSA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao componente curricular “Trabalho de Conclusão de Curso I”, do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Biologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiana Polliana
Pinto de Lima

Cruz das Almas-BA

2023

MARIA DA SILVA DE LIMA DO NASCIMENTO

**TRAJETÓRIAS PARA O ACESSO E PERMANÊNCIA À LICENCIATURA EM
BIOLOGIA DA UFRB: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA
EGRESSA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS**

Aprovado pelos membros da banca examinadora e aceito por esta Instituição de Ensino Superior como Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de Graduação, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Biologia.

Aprovado em 23 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



TATIANA POLLIANA PINTO DE LIMA

Data: 03/06/2023 11:40:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Tatiana Polliana Pinto de Lima

Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT/UFRB

Orientadora

Documento assinado digitalmente



NEILTON DA SILVA

Data: 30/05/2023 03:01:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profº Drº Neilton da Silva

Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas – CCAAB/UFRB

Membro da Banca

Documento assinado digitalmente



RITA DE CACIA SANTOS CHAGAS

Data: 30/05/2023 11:02:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Rita de Cacia Santos Chagas

Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade – CETENS/UFRB

Membro da Banca

Cruz das Almas/BA

2023

Dedico esse trabalho aos pais: Carlito e Maria José e todos os amigos e familiares que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade, pelo discernimento e coragem de enfrentar os desafios com responsabilidade em busca dos meus objetivos.

Aos filhos Leonardo, Luana, Milena e Viviana pela paciência da minha ausência em busca dos meus sonhos, e aos incentivos que recebi todas as vezes em que me senti desestimulada diante das dificuldades.

Aos meus pais, pelo suporte, confiança e cuidado dispensado, sempre que precisei, e posteriormente pelo reconhecimento de que todas as dificuldades no final valeriam a pena.

Ao meu esposo, José Carlos, pelo suporte e ajuda na conquista do meu sonho.

Aos meus familiares pelos incentivos recebidos, em especial a minha cunhada Dirciléia pelo cuidado dispensado aos meus filhos sempre que precisei.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, e a EJA pela credibilidade na possibilidade de que eu poderia galgar novos rumos e também pelos incentivos recebidos, em especial à professora de Biologia da EJA Michele, que sempre me incentivou a seguir em frente.

As minhas vizinhas Michele, Simone e Anaides pelo e suporte e motivação que para que eu conseguisse entrar na universidade, me apoiando sempre quando eu pensava em desistir de lutar pelo meu sonho.

Aos meus colegas de trabalho pelas palavras de incentivos, torcida, e parceria que recebi durante as nossas jornadas do dia a dia.

Aos colegas da universidade pelo companheirismo, por compartilhar suas experiências que durante nossa convivência impactaram positivamente na minha formação. E alguns que considero irmãos de jornada e também de coração.

A Alessandra Latorre por ter elaborado com desprendimento o abstract deste TCC.

Aos professores da universidade pela excelência na qualidade do ensino, pelo comprometimento no seu trabalho, que com certeza deixarão eternizados suas referências fazendo parte da minha formação pessoal e profissional.

A minha banca pelas contribuições que certamente acolherei com carinho e certeza de que muito irão acrescentar nessa nova fase da vida.

À Professora Dr^a Leila de Lourdes Longo por sua afetividade, demonstrada aos discentes da universidade durante toda a graduação.

Ao professor Dr. Neilton da Silva, minha fonte de inspiração na universidade, por nos mostrar que pela persistência e dedicação todos somos capazes de vencer as adversidades ao longo do nosso percurso.

Por fim, a minha orientadora Dr^a Tatiana Polliana Pinto de Lima que jamais conseguirei expressar com palavras a minha eterna gratidão por sua empatia, cuidado, carinho e dedicação durante esse período decisivo e cheio de incertezas. Por seu olhar afetuoso, fazendo-nos fortes para que possamos revelar nossa capacidade de superação diante das adversidades.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar

NASCIMENTO, Maria Silva Lima. **Trajetórias para o acesso e permanência à licenciatura em Biologia da UFRB:** Narrativas autobiográficas de uma egressa da Educação de Jovens e Adultos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas - BA, 2023 (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Biologia). Orientadora: Profa^a Dr^a. Tatiana Polliana Pinto de Lima.

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um estudo autobiográfico de uma egressa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que ingressa em uma universidade pública do Recôncavo baiano. Tem como objetivo compreender os dilemas e os desafios no ingresso e na permanência de uma egressa da EJA no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em que busca-se evidenciar as dificuldades de acesso e as possibilidades de permanência, mediante as superações através da desconstrução de preconceitos e a construção de identidade. A pesquisa é de caráter qualitativo, considerando as narrativas autobiográficas da autora. Estas versam sobre a história de vida de uma egressa da EJA desde o período de escolarização que compreende o tempo formativo III – eixos 6 e 7, até sua entrada e permanência no curso de Biologia. O diálogo com autores como Arroyo (2017), Krainiski (2014), Lopes e Souza (2005), Silva (2015), Haddad e Pierro (2000), dentre outros, a EJA e o caminhar em uma licenciatura são descortinados a partir das vivências da pesquisadora-autora do texto. Neste contexto, estes escritos possuem a intenção de contribuir com o reconhecimento da importância da EJA para o retorno aos estudos de muitas pessoas, que por diversos motivos, tiveram que abandonar a escola, ao tempo em que apresenta as possibilidades de continuidade da trajetória formativa, sem desconsiderar as dificuldades enfrentadas, de uma egressa da EJA que se torna professora, cursando e finalizando seu curso de Licenciatura em Biologia, em uma universidade pública federal.

Palavras-chave: EJA. Autobiografia. Acesso ao Ensino Superior. Permanência no Ensino Superior.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Maria Silva Lima. **Trajectories for access and permanence to the degree in Biology of UFRB**: Autobiographical narratives of a graduate of Educação de Jovens e Adultos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas - BA, 2023 (Final Paper – Degree in Biology). Teacher: Dr^a. Tatiana Polliana Pinto de Lima.

This research is an autobiographical study of a graduate of Educação de Jovens e Adultos (EJA), who enters in a public university in Recôncavo of Bahia. Its objective is to understand the limitations and challenges in entry and permanency of an EJA graduate in the Licenciature Degree in Biology course at Universidade Federal da Bahia (UFRB), in which it seeks to highlight the difficulties of access and the possibilities of permanence, through overcoming, the deconstruction of prejudices and the construction of identities. This is a qualitative research, considering the author's autobiographical narratives. These deal with the life history of a graduate of EJA from the period of schooling that comprises the formative time III – axes 6 and 7, until her entry and permanence in the Biology course as a Biology student. The dialogue with authors such as Arroyo (2017), Krainski (2014), Lopes and Souza (2005), Silva (2015), Haddad and Pierro (2000), among others, EJA and the journey towards a degree are unveiled from the experiences of the researcher-author of the text. In this context, these writings intend to contribute to the recognition of the importance of EJA for many people to go back to school, since, for several reasons, had to leave school, at the same time that it presents the possibilities of continuing the formative trajectory, without disregarding the difficulties faced by an EJA graduate who becomes a teacher, attending and concluding her Biology course at a federal public university.

Keywords: EJA. Autobiography. Access to Higher Education. Permanence in Higher Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA- Educação de Jovens e Adultos
EJAI- Educação de Jovens, Adultos e Idosas
ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio
SISU- Sistema de Seleção Unificada
PNAES- Programa Nacional de Assistência Estudantil
UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
TCC- Trabalho de Conclusão de Curso
LDB- Lei de Diretrizes e Bases
IES Instituições de Ensino Superior
ES- Ensino Superior
FIES- Programa de Financiamento Estudantil
BCET- Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas
PROUNI- Programa Universidade Para Todos
REUNI- Programa de Reestruturação e Expansão das
Universidades Federais
CONFINTEA- Conferência Internacional de Educação de Adultos
CNE- Conselho Nacional de Educação
CEB- Câmara de Educação Básica
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização
MEC- Ministério de Educação e Cultura
PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
CEPES- Colégio Estadual Professor Edgard Santos
CEPAVP- Centro Educacional Professor Agnaldo Viana Pereira
PS- Posto de Serviço
ACS- Agente Comunitário de Saúde
CETEC- Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CCAAB- Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
SIGAA- Sistema de Gestão das Atividades Acadêmicas
AVA- Ambiente Virtual de Aprendizagem
COVID-19- Coronavírus Disease- 2019

TIDICs- Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação

PROPAAE- Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis

PPQ- Programa de Permanência Qualificada

NAIE- Núcleo de Acompanhamento Integrado ao Estudante

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS ESCRITAS: ABRINDO A RODA DE CONVERSA.....	13
2. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	19
2.1 NARRATIVAS E ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	19
2.2 A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS.....	21
3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	26
3.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	26
3.2 O PERFIL DO PÚBLICO QUE COMPÕE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E IDOSOS.....	29
4. MARIA, MULHER, NEGRA E MÃE, FINALIZA SEUS ESTUDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	33
4.1. HISTÓRIA DE VIDA E ASPECTOS GENEALÓGICOS	33
4.2. TRAJETÓRIA ESCOLAR: O PRIMÁRIO E AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA.....	34
4.3 TRAJETÓRIA ESCOLAR: E O CONTRASTE COM AS MEMÓRIAS EM BUSCA POR QUALIFICAÇÃO	37
4.4. TRAJETÓRIA ESCOLAR: O ENCONTRO COM A EJA E OS DILEMAS DA VIDA JOVEM-ADULTA	38
5. A FILHA DE AGRICULTORES EGRESSA DA EJA INGRESSA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL NO RECÔNCAVO DA BAHIA.....	49
5.1. O ACESSO À UFRB.....	49
5.2. A PERMANÊNCIA NA UFRB.....	58
5.3. A CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
7. REFERÊNCIAS.....	67

1.PRIMEIRAS ESCRITAS: ABRINDO A RODA DE CONVERSA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está voltada para um público que não conseguiu concluir o Ensino Básico em tempo regular por diversos fatores, como de ordem econômica, familiar ou por desestímulo ocasionado por repetidas reprovações. A presente pesquisa visa demonstrar a inserção desse perfil na atualidade, de pessoas que não apenas buscam essa modalidade para aprender a ler e escrever. Esse público busca aperfeiçoamento profissional, pessoal e alguns até idealizam o sonho de cursar o nível superior. Alguns egressos desta modalidade, com muito esforço pessoal, chegam à universidade carregando uma percepção excludente de não conseguir acompanhar os colegas de turma. Passam, assim, a se sentir diminuídos, menos capazes do que os estudantes que vieram de um ensino denominado de “regular.

Diante de inúmeras limitações, para que os egressos da Educação de Jovens e Adultos permaneçam em um curso superior de uma universidade pública, “é preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade” (LOPES; SOUSA, 2005, p. 2.)

Por meio desta pesquisa, busco ressaltar que apesar dos preconceitos e lacunas formativas no Ensino Básico, como a falta de recursos didáticos e alunos desmotivados, é necessário que esses educandos que ingressam no Ensino Superior passem a desenvolver a autoconfiança através de práticas elaboradas pelos professores relacionadas com os conteúdos do cotidiano. Não podemos desconsiderar neste contexto que existem outros aspectos que dificultam a permanência desses estudantes em uma universidade, como afirma Krainski (2014, p. 3): “a ausência de políticas de permanência no ensino superior e financiamento de amplo alcance para o estudante vêm perpetuando o quadro de exclusão social” por falta de políticas afirmativas que deem suporte aos que se encontram excluídos do Ensino Superior.

Para os professores da Educação Superior e colegas de turma é fundamental o desenvolvimento de habilidades baseadas na empatia, no intuito de ampliar o conhecimento e autoestima dos alunos egressos da EJA. Para que estes estudantes se sintam valorizados, depende do modo como são vistos pelos professores, colegas, familiares e por toda a comunidade acadêmica. Apesar de serem discriminados por pessoas que não acreditam no seu potencial e veem a modalidade como apenas uma forma de receber certificação, estes estudantes acreditam que sua realidade pode ser mudada a partir dos incentivos recebidos e construídos também por eles próprios, mediados pelo professor. É, portanto, necessário que

esse profissional procure valorizar os conhecimentos prévios desses alunos e histórias vividas anteriormente. Pereira e Santana (2013, p. 2) apontam que

[...] apesar desses alunos não terem gozado da educação na idade apropriada, são seres que trazem a sua cultura e todo um desejo de elevação de sua escolaridade e o educador, no entanto deve saber como lidar com estes, de modo que não venham inibi-los dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Embora aconteça o acesso por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que possibilita o ingresso no Ensino Superior em universidades públicas através do SISU (Sistema de Seleção Unificada), como afirmam Gómez e Torres (2015), há uma necessidade de políticas de permanência estudantil. Assim, em 2008, foi criado o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), cujo objetivo foi o de proporcionar aos estudantes apoio básico no que diz respeito à moradia, transporte, alimentação e saúde, a fim de diminuir a evasão e a repetência, no entanto, nem sempre todos são contemplados.

Para alunos egressos da EJA, os impactos, tais como os oriundos das dificuldades financeiras, e os da distância da família, foram ainda maiores, visto que já se sentem excluídos devido a diversos fatores. Dentre eles podemos citar: diferentes formas de aprendizado, onde acontece uma transição entre o contexto escolar e a universidade, que levará um tempo para a adaptação dos mesmos, pois se percebe ainda a falta de uma metodologia inclusiva. Os obstáculos destacados, a meu ver, por experiência própria de egressa da Educação de Jovens e Adultos, são os mais ligados aos subjetivos, pois nos sentimos excluídos durante as aulas ou até mesmo incapazes de assimilar determinados conteúdos, como “Genética Mendeliana” na disciplina de Genética ou “Inequações” em Matemática, visto que são conteúdos que ao longo do Ensino Médio por meio da EJA nem sempre foram vistos. Quando foram ministrados, foram de forma superficial, principalmente em disciplinas consideradas mais complexas pelos estudantes da modalidade, tais como Biologia, Química, Física e Matemática. Por isso, geralmente criamos um bloqueio em relação à confiança em nossa própria capacidade de vencer esses desafios, podendo levar a nossa evasão do curso ou persistirmos, mas com repetidas reprovações do componente.

A falta de credibilidade nessa modalidade advém da construção histórica de que são “todos vítimas do mesmo parâmetro escolar: terem sido julgados incapazes de aprender os conteúdos previstos, nos tempos e ritmos previstos nos currículos” (ARROYO, 2007, p. 33). Diversas razões nos permitem considerar desnecessário que novas habilidades sejam incorporadas no sentido de estimular a desenvolver o interesse durante o Ensino Médio. Como os conteúdos de Química, Física e Matemática, por exemplo, que são vistos superficialmente no Ensino Médio na modalidade da EJA, e isso irá se refletir negativamente para os estudantes

que conseguirem o ingresso em uma instituição de Ensino Superior. Segundo Krainski (2014, p. 7),

As deficiências de formação do ensino fundamental e médio só são percebidas no decorrer do curso, sendo em muitos casos, motivo de desânimo e desistência. Dificuldades na compreensão de um texto, na escrita, na comunicação e em matérias específicas como matemática, física e química são apontadas por vários alunos como as mais frequentes.

Mesmo que vários aspectos negativos sejam atribuídos aos que procuram a modalidade da EJA, esta pesquisa irá mostrar que apesar dos desafios e limitações que enfrentamos, somos capazes de superar as lacunas desse processo formativo. Diante dessa problemática, a presente pesquisa tem como questão norteadora: quais as limitações e desafios que nós, estudantes egressos da EJA, precisamos superar durante nossas trajetórias para permanecer no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em nosso ingresso?

Movida por uma prática experiencial, de cunho autobiográfico, vivida em minha trajetória estudantil, do início da minha escolaridade até a graduação, senti a necessidade de compartilhar os desafios, motivações e limitações enfrentadas nesse meu percurso, não só os desafios, mas também a possibilidade de superação, já que foi bastante desafiador vencer preconceitos, (des)construir identidades, que a meu ver eram consideradas pela maioria das pessoas impossível de ocorrer, principalmente por ter me afastado dos estudos por cerca de 17 anos. Por meio de narrativas autobiográficas, busco destacar a importância do estudo da EJA para que as pessoas saiam da zona de conforto e tenham coragem para encarar o novo, construindo e reconstruindo sua aprendizagem no percurso de sua trajetória.

A modalidade da EJA tem grande relevância para minha pesquisa, pois possibilitou abrir novas perspectivas. Através dos artigos lidos, pude constatar na teoria e na prática a contribuição dessa modalidade para quebrar paradigmas e preconceitos vivenciados por estudantes que assim como eu foram impossibilitados de concluir os estudos no ensino regular.

Não podemos nos esquecer das inúmeras outras histórias de vida que não são mostradas nos jornais, mas que mudaram para melhor graças a EJA. Embora haja, ainda, muito preconceito em relação à EJA é inegável o benefício que essa modalidade de ensino tem prestado às pessoas que não puderam estudar na época apropriada (LOPES; SOUSA, 2005, p. 18).

A EJA contribui para superar desigualdades sociais no contexto da educação, para que os jovens e adultos com distorção idade-série passem a encarar essa modalidade como passaporte para sua emancipação pessoal e da vida acadêmica.

Os encontros e desencontros institucionais, as pessoas com as quais tem contato e a atribuição de sentidos, em face da nova condição, passam a permitir que o estudante jovem e o adulto, mas não somente eles, constituam novas identidades e noção de pertencimento que, fatalmente, interferirão nas suas escolhas e nas suas dimensões pessoal-profissional-cidadã (SILVA, 2015, p. 136).

Levando em conta as trajetórias vividas por esses estudantes, sua história de vida, a autobiografia é um campo que vem se destacando como forma de pesquisa, em que traz a realidade contada por pessoas que vivenciaram suas experiências, compartilhando as narrativas de si. A pesquisa autobiográfica está relacionada à escrita das histórias que são passadas despercebidas, sendo de fundamental importância para que se conheça como ocorreu a formação desses sujeitos, através de lembranças. As narrativas no contexto deste estudo possibilitam entender o processo de escolaridade dos estudantes egressos da EJA, neste caso mais específico em seu ingresso e no percurso formativo na Licenciatura em Biologia.

O cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e que falamos pelas formas como contamos as histórias vividas. Daí a emergência e a utilização cada vez mais crescente, das autobiografias e das biografias educativas em contextos de pesquisas na área educacional (SOUZA, 2004, p. 165).

Através das histórias, relatadas durante o período de escolaridade, é possível identificar as nossas identidades, quem somos e quem passaremos a ser a partir de determinadas situações e influências (im)previsíveis durante a jornada profissional e estudantil. “Então, é possível dizer que a (des)construção identitária é um movimento contínuo de estar no mundo, uma relação de negociação de significados com outras/os que possibilitam a constituição de quem somos” (SILVA, 2017, p. 25). Desta maneira, relaciono que a nossa identidade é construída a partir de desconstruções, que possibilitarão a nossa formação contínua do conhecimento através da negociação de significados ao longo de nossas vidas.

Esta pesquisa é de grande importância, tendo como fonte de investigação a escrita autobiográfica, onde narrarei a minha trajetória, compreendida entre o final da EJA e meu ingresso na UFRB, tendo em vista as contribuições, desafios e superação, para que os estudantes da EJA conheçam as possibilidades de enfrentamento das dificuldades do percurso formativo para o ingresso no curso da Licenciatura em Biologia, que apesar da trajetória instável de incertezas, dificuldades financeiras, adaptação a esse cenário desconhecido e das lacunas do processo formativo, podemos nos reinventar, mudando o curso da nossa história, desconstruindo e construindo nossas identidades, através de vivências e influências formativas.

Para os estudantes do curso de Licenciatura em Biologia, será de grande importância conhecer quem somos por meio dos relatos e lembranças de como aconteceram essas aprendizagens que nos marcam enquanto sujeitos egressos da EJA. Na área da educação será relevante para que estes estudantes se questionem como acontecem as diferentes aprendizagens, refletindo suas práticas, para que em sua formação docente como futuros educadores passem a conhecer histórias de vida dos seus alunos e diferentes formas de aprendizagens e como são construídas as trajetórias de um público heterogêneo.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as limitações e os desafios para a permanência de uma estudante egressa da EJA na Licenciatura em Biologia da UFRB. Para alcance do objetivo geral, buscamos alcançar os seguintes objetivos específicos: entender as possibilidades de superação das lacunas formativas no percurso dos egressos da EJA na Licenciatura em Biologia; destacar a importância e as limitações do ensino da EJA para o ingresso no Ensino Superior; relatar os desafios encontrados no curso de Licenciatura em Biologia; reconstruir narrativas de si acerca do período de escolarização, compreendido entre o final do Ensino Médio e o Ensino Superior.

Para início de conversa, a escrita dessa autobiografia surgiu com a possibilidade de rememorar os desafios e as diferentes formas de superação, mediante meu desejo de tornar pública parte de minha trajetória formacional por meio do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no período compreendido entre o final da EJA e o acesso ao curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no município de Cruz das Almas-Bahia. Tudo começou quando minha orientadora, a Professora Tatiana Polliana Pinto de Lima, me apresentou essa possível forma de escrita com as teses de doutorado de Silva (2017) e Souza (2004), a partir das quais constatei que seria a metodologia adequada para a escrita do meu TCC, possibilitando compartilhar as minhas experiências a fim de que as pessoas reconheçam que todos podem superar as dificuldades e preconceitos com o propósito de prosseguir nos estudos.

Para uma melhor compreensão do leitor, esta pesquisa está dividida em 6 capítulos. Veremos no primeiro capítulo, de forma introdutória, os aspectos relevantes da escrita, escrita do TCC.

O segundo capítulo está estruturado de modo que nos leve a como surgiram as narrativas autobiográficas, bem como o entendimento da importância das memórias na construção das narrativas de formação dos sujeitos, por meio das histórias de vida que são protagonizadas através dos relatos vividos durante a sua trajetória, trago como referências principais os autores: Bosi (1994), Silva (2017) e Souza (2004).

O terceiro capítulo traz um breve histórico da Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI), perfil dos estudantes dessa modalidade, tendo como autores de referência Haddad e Pierro (2000), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e Arroyo (2017), dentre outros autores serviram como base para as referências deste capítulo.

No quarto capítulo, serão apresentadas as minhas narrativas autobiográficas, que vão desde minha entrada no Ensino Médio da EJA, relatando as dificuldades e as superações em retomar os estudos após 17 anos afastada da sala de aula, onde a mãe, mulher negra, lavradora resolve voltar à sala de aula em busca de qualificação profissional. Foram utilizados como apoio os autores Oliveira e Rios (2020), Andrade e Santos (2021), Freire (1996), Ribeiro (2021), Zabala (1998), Josso (2020) e Arroyo (2017).

No quinto capítulo, será narrada toda minha trajetória do acesso, suas dificuldades e superações, até a conclusão do curso de Licenciatura em Biologia de uma egressa da EJA na UFRB. Krainski (2014), Coulon (2017), Pimenta e Lima (2005/2006), Santo, Lima e Oliveira (2021) servem como referência neste capítulo.

No sexto capítulo, serão apresentadas as considerações finais da trajetória de uma egressa na EJA no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bem como suas superações para conclusão do curso. E logo após as referências.

2. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

No capítulo a seguir será apresentado como são construídas e o que são as pesquisas autobiográficas e narrativas autobiográficas, com sua contribuição para a formação dos sujeitos com escritas de si na construção da vida pessoal e profissional dos sujeitos, com relatos das trajetórias individuais e coletivas durante o percurso formativo. As categorias teóricas que serão discutidas dizem respeito às narrativas e escritas autobiográficas e a memória na construção das narrativas.

2.1 NARRATIVAS E ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS

As narrativas autobiográficas estão relacionadas às escritas de si mesmo, onde o sujeito é o protagonista de sua própria história. Para Souza (2004), dentre as modalidades típicas da História Oral, temos a autobiografia e a biografia. Portanto, é necessário observar que as narrativas autobiográficas vêm se destacando como metodologia formativa de educadores/educadoras através das histórias de vida com aprendizagens significativas para a formação desses profissionais. Silva (2017, p. 117) ressalta que:

[...] Ao vivenciarmos experiências de multifiliação a diversas comunidades, criamos vínculos e distinções com os quais comprometemo-nos, porém, ainda que sejam práticas específicas, buscamos estabelecer conexões entre elas, assumindo vertentes de nossas identidades.

Como metodologia, as narrativas autobiográficas constituem uma importante fonte investigativa na qual o sujeito protagoniza suas experiências, vivências a partir de relatos no contexto de suas práticas. Os vínculos criados entre as múltiplas comunidades posteriormente influenciarão na formação das identidades dos sujeitos, visto que esses elos são gerados na vida e na formação desses profissionais.

Como afirma Souza (2004, p. 165), “pesquisa com narrativas (auto)biográficas ou de formação inscreve-se neste espaço onde o autor parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e incursões pelas instituições [...]”. Nesse contexto, para Silva (2017) e Souza (2004), busca-se através das pesquisas com narrativas autobiográficas estabelecer conexões e vínculos das experiências e vivências de diversas comunidades, que são fundamentais nas identidades dos sujeitos, questionando a própria trajetória, como contribuição formativa, vivida por profissionais que buscam na própria prática refletirem como se deram essas aprendizagens significativas.

Convém lembrar que recentemente a pesquisa autobiográfica surge como uma abordagem para auxiliar a formação dos docentes, permitindo diferentes formas de re(pensar) a docência no contexto atual através dos vínculos estabelecidos pelos sujeitos que formam os ambientes escolares (MOTA; SILVA; RIOS, 2019). Conforme citam os autores, a metodologia da pesquisa com narrativas autobiográficas contribui nas relações dos docentes como sujeitos que estão inseridos no contexto escolar, na reflexão da própria experiência como formação no cotidiano escolar, assumindo o protagonismo das histórias de vida dos próprios sujeitos da investigação.

Segundo Souza (2004, p. 13), “a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”. Através da reflexão de sua práxis, o sujeito percebe por meio das próprias narrativas quais contribuições suas experiências trouxeram para essa formação. Desta forma, através da narração da sua própria trajetória e aprendizagens no percurso da vida, percebe-se como uma forma de contar para si, refletindo os conhecimentos construídos durante o percurso de formação.

Silva (2017) ressalta que durante as trajetórias identitárias, apesar das dificuldades e de ter falhado algumas vezes, passamos a ser considerados membros da comunidade por onde passamos, e os tropeços podem ser transformados em novas chances de aprender ao invés de nos afastar, com o comprometimento recíproco, no desempenho das relações das comunidades de que participamos.

Para Souza (2004, p. 159), “as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento porque tem na experiência sua base existencial”. Neste sentido, a autobiografia proporciona, através das experiências vividas, o conhecimento das trajetórias e etapas do processo de formação, por meio dos relatos do cotidiano, com lembranças de como aconteceu a construção de nossas identidades profissionais. “Conseqüentemente, na narrativa dessas experiências, diferentes tempos entrecruzam-se, por essa razão, ora sou, ora fui, ora serei” (SILVA, 2017, p. 123), portanto, percebem-se no processo criacional do sujeito em si e do texto sobre as experiências vivenciadas por este sujeito aspectos citados onde passado, presente e futuro se cruzam. Certamente essas experiências influenciarão na trajetória e percurso acadêmico, pois as vivências fazem parte da construção da identidade de cada sujeito.

As narrativas autobiográficas têm papel importante nas histórias de vida retratadas pelas experiências vividas em um processo reflexivo de formação. Para Saveli (2006, p. 95), “as narrativas autobiográficas ou memoriais estão no campo da história oral que abarca

estudos entre memória e história, trajetórias pessoais, biografias, autobiografias e histórias de vida” com vivências e experiências compartilhadas no processo formativo de professores/professoras, lembrando as memórias significativas de como se deu essa formação. De acordo com Oliveira (2006), “percebemos, por meio da participação em congressos e seminários, o aumento do número de pesquisas que têm evidenciado o professor como sujeito da história da educação que se constrói cotidianamente” (p. 55).

Nesse sentido, Mota, Silva e Rios (2019) afirmam que só podemos narrar o que vivemos através de nossas experiências, ressurgindo em nossas lembranças, e ao narrarmos selecionamos aquilo que teve significado na nossa existência, seja negativo ou positivo.

Assim como citado pelos autores acima, essa metodologia nos permite uma mudança do modelo padrão, pautado na objetividade, com a inclusão de uma realidade mais próxima do cotidiano dos sujeitos, “abrindo espaço para que a subjetividade fosse constituída como objeto de investigação” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 289). Isto se deu com a incorporação da metodologia autobiográfica nas ciências sociais no início do século XXI, e subsequentemente nas pesquisas educacionais, a qual passou a redefinir a importância da subjetividade humana, onde as pessoas transportam-se de objeto de estudo para sujeitos que protagonizam suas próprias histórias como fonte de investigação (SOUZA; MEIRELES, 2018). Na perspectiva de demonstrar minhas vivências e experiências da Educação de Jovens e Adultos, a autobiografia se apresentava com a forma metodológica mais adequada para a escrita do meu TCC.

2.2 A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS

As narrativas têm papel importante na construção das memórias. Como afirma Silva (2012), a biografia como narrativa é resultado de memórias ou esquecimento, que pode ser socialmente construída de modo individual ou coletivo, continuamente negociada, que se concretiza diante das relações específicas com o tempo e o espaço que não são simples atos de resgate do passado, mas que se reconstróem diante de referências da Atualidade.

A palavra prosopografia tem origem grega e se refere a descrever uma pessoa ou uma personagem, para que fosse um tipo de monumento que na Antiguidade tinha o sentido de construir uma imagem ou elementos capazes de provocarem lembranças. Era um dos gêneros biográficos de estudo das narrativas que auxiliava os estudos históricos, feitos para analisar em grupo as biografias de pessoas ou de personagens que pertenciam à mesma classe social, especialmente as elites políticas e sociais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

Posteriormente na Idade Média, esse gênero de uso coletivo passa a ser substituído pela hagiografia, sucedendo a narrativa da vida de pessoas das elites da população pela busca da divindade. Como afirma Albuquerque Júnior (2012, p. 16),

Por isso o gênero prosopográfico praticamente desaparece durante a Idade Média, pois embora aí prevaleçam sociedades também de cunho aristocrático e senhorial, a grandiosidade, a importância, a imponência, a magnitude que os antigos atribuíam a dados homens, a seus feitos e a seus gestos, tornam-se agora diminutas e insignificantes diante da magnificência e grandiosidade do Deus cristão, de seus desígnios e de suas ações.

Percebe-se que a prosopografia tem sua origem há muito tempo, desde a Antiguidade com intuito de construir as narrativas de pessoas importantes das classes sociais privilegiadas, passando a ser enfraquecida durante a Idade Média, quando se buscava a exaltação da Divindade, e não mais as ações e feitos dos homens importantes da sociedade, surgindo então a hagiografia.

Nessas narrativas que biografam a vida daqueles que vieram a ser santificados, beatificados, que vieram a ocupar um lugar intermediário entre o humano e o divino, sujeitos suspensos num tempo e num espaço de mediação, de transição entre o material e o espiritual, esses nomes, esses corpos não têm relevância, monumentalidade em si mesmos, eles são apenas instrumentos, manifestações da verdadeira grandeza, do único ser monumental: Deus. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 17).

Para Bosi (1994, p. 89), “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase”. Por sua vez, Albuquerque Júnior (2012) traz que as memórias eram construídas desde a Antiguidade como gênero de estudos e de narrativas que auxiliavam os estudos históricos. Assim, a prosopografia surge como um gênero biográfico que buscava analisar através de feitos e comparações pessoas das elites políticas e sociais para construir as lembranças do coletivo. Bosi (1994), no entanto, apresenta que atualmente a função da memória é o conhecimento do passado em uma ordem cronológica do tempo, ressaltando que no início da civilização grega a memória era vista como um dom de ver o passado, futuro e de transportamento, conforme salienta Bosi (1994).

Podemos começar a definir memória a partir de Bosi (1994), visto que para a autora, memória é bem intelectual infinito do qual só registramos um fragmento, e que geralmente as lembranças mais vivas só surgem em momentos depois da entrevista, em instantes comuns do cotidiano, a exemplo na hora do cafezinho, no jardim etc. Diante desse contexto, podemos entender que nem sempre nossas memórias acontecem em momentos previstos, no entanto elas podem vir à tona em momentos comuns do nosso dia a dia.

Para Abrahão (2003, p. 85), “trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador”. Na construção das narrativas, vários aspectos irão influenciar na construção dessa memória que pode ser transmitida a partir da necessidade do olhar do pesquisador, podendo-se incluir as narrativas autobiográficas. Estas serão construídas a partir de uma visão investigadora.

Segundo Bosi (1994, p. 90), “o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiaados pela sua voz.” A autora ainda relata que a memória é capacidade grandiosa e por excelência que não deve desaparecer através do abandono com o passar dos anos e que a história deve gerar várias outras que serão passadas de geração em geração, construindo outras histórias que se inter cruzam, alongando os fios de origem que serão puxados por outros meios. Portanto, Oliveira (2006) afirma que os registros que são traduzidos de forma oral pela atividade da memória carregam os processos de formação com significação e aprendizagens nestes construídos, trazendo movimentos que os identificam, vividos em tempos e espaços como pessoa e também como profissional.

Do ponto de vista de Bosi (1994), a memória não deve extinguir-se com o passar dos anos, devendo gerar outras histórias que devem ser passadas a gerações futuras. No mesmo sentido, Bosi (1994, p. 60) assinala que

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta [...].

Nessa perspectiva, a construção das memórias pode chegar através das lembranças das pessoas que viveram em épocas diferentes, sendo transmitidas por pessoas idosas que já viveram e presenciaram culturas e contextos históricos diversos. Conforme Bosi (1994), a memória está presente nas lembranças das pessoas idosas, que pode ser desenhada sobre um cenário mais definido do que a memória de pessoas jovens e adultas.

Diante disso, podemos constatar que, diante das diversidades, “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente” (BOSI, 1994, p. 82). Através da memória dos velhos¹ percebe-se a

¹ Velhos se refere à maneira como a autora Ecléa Bosi (1994) denomina pessoas idosas.

riqueza de detalhes que podem atravessar gerações, construindo lembranças que poderiam ser perdidas se não fossem os relatos das pessoas idosas que contribuem de forma infinita para a continuação das memórias de um povo. Atualmente se fala em criatividade, mas onde estariam as danças, as brincadeiras, jogos e cantos do passado? Surgem nas lembranças dos velhos e surpreendem pela sua riqueza (BOSI, 1994).

Podemos ainda subdividir a memória em duas: memória-hábito e a imagem-lembrança, onde a primeira contrai-se a partir do empenho da atenção e também da reprodução de gestos ou de palavras e graças a esta reproduzimos automaticamente o falar uma língua diferente da nossa, dirigir um carro, costurar, por exemplo, que ficam em nossa memória através das repetições que adquirimos no nosso dia a dia; por sua vez, a segunda vem à tona através de momentos que ficaram marcados em nosso inconsciente sem repetições, com data determinada e situação definida, enquanto a primeira está mais relacionada às práticas diárias (BOSI, 1994).

Havendo duas memórias, podemos distinguir que uma é referente a hábitos das práticas que adquirimos por repetições e outra que se estabelece por momentos marcantes do passado. Nesse sentido, são estabelecidas diferentes relações entre as memórias. Como afirma Bosi (1994, p. 81), “se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares”. As lembranças de acontecimentos do passado são restabelecidas através das memórias das pessoas idosas que vivenciaram fatos que nos transportam no tempo com riquezas de detalhes presentes nas recordações de suas vivências do passado.

Abrahão (2003, p. 89) relaciona que a memória pode ser:

Primeiramente, uma memória não intencionalmente seletiva. Isto aconteceu em situações em que os narradores guardaram na memória fatos, pessoas, relações, situações a que tinham atribuído significação relevante no momento em que os vivenciaram, ou, então, com narradores com avançada idade.

Ao mesmo tempo também, nossa memória pode ser seletiva, quando o narrador tem a intenção de fazer a seleção das informações ou para não recordar de acontecimentos desagradáveis, que podem causar sofrimento, ou para não desviar de certas situações que não deveriam se tornar públicas. E em certos momentos, apesar de relatar o fato, o narrador pede para que não seja publicado. (ABRAHÃO, 2003).

Como cita Abrahão (2003), a nossa memória pode ser seletiva, em que em meio ao intuito de se selecionar informações ou para não relembrar de fatos desagradáveis, ainda é possível destacar a lembrança precisa de um aperfeiçoamento diante da forma que se apresenta inicialmente.

Dadas essas considerações, Bosi (1994, p. 81) considera que “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fingida”. A autora relata também que a lembrança precisa ser acompanhada de sentimentos para que não seja apenas uma repetição de um modo antigo, mas de um ressurgimento. Ressurgimento pessoal da pesquisadora, considerando suas vivências formativas e ingresso na UFRB, de uma estudante negra, mulher, mãe, trabalhadora das classes populares, estudante da EJA. Modalidade que iremos conhecer um pouco mais nas próximas páginas.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As páginas a seguir apresentarão um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos; como surgiu essa modalidade e também quem é o público que a frequenta na atualidade.

3.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil não foi criada recentemente. Vale ressaltar que “a ação educativa junto a adolescentes e adultos no Brasil não é nova. Sabe-se que já no período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa missionária em grande parte com adultos” (HADDAD; PIERRO, 2000, p. 108-109). Para além disso, os educadores religiosos também procuravam ensinar, no começo aos povos originários e mais tarde aos escravizados negros, como se comportar e os ofícios essenciais para o andamento da economia do período colonial.

Com a desorganização do ensino colonial devido à expulsão dos jesuítas, no ano de 1759, pode-se observar que é somente durante o Império que retornaremos às práticas da educação de adultos (HADDAD; PIERRO, 2000). Nessa mesma direção, Silva e Santos (2021, p. 41) assinalam que “historicamente” essa modalidade constituiu-se sobre as bases da necessidade colonial de “ensinar jovens e adultos as letras básicas” para que pudessem, assim, contribuir de forma produtiva ao processo de exploração colonial”. Diante disso, tanto Haddad e Pierro (2000) quanto Silva e Santos (2021) assinalam que a Educação de Jovens e Adultos teve seu início há muito tempo.

Dessa forma, prioritariamente no século XIX, quando do advento da denominada “Independência do Brasil”, percebe-se o analfabetismo como um atraso para o desenvolvimento do recente Estado-Nação. Diante do exposto anteriormente, fica evidente o interesse econômico no desenvolvimento do Brasil, visto em primeiro plano, no tocante à Educação de Jovens e Adultos.

Desta forma, o analfabetismo passa a ser visto como causa e não como consequência do pequeno desenvolvimento econômico brasileiro. Neste contexto, o analfabeto passa a ser, injusto e preconceituosamente entendido como sujeito incompetente e responsável pelo atraso no desenvolvimento econômico do país, e não como vítima da estrutura oligárquica que privilegiou pequenos grupos econômicos e políticos em detrimento da maioria (ANDRADE; PEREIRA, 2021, p. 207).

Quando se fala em analfabetismo, percebe-se que desde o início da nossa colonização era visto com preconceito, sendo o culpado pela pobreza da Colônia, visto que, após a

chegada dos Portugueses em terras brasileiras, a cultura letrada do colonizador passou a ser a hegemônica. Neste contexto, a população analfabeta não era percebida como a formada por pessoas que ficaram à margem da sociedade, sendo esta composta por poucos cidadãos, detentores de poderes políticos.

Há de se convir que no Brasil não existia sistema público de ensino nos primeiros séculos da história brasileira, pois a princípio a escola era voltada a pessoas da alta sociedade com fins religiosos. Desta feita, tem-se início, com a chegada da educação conduzida pelos Jesuítas, a constituição de uma educação dual – uma educação para a elite e outra educação ou ausência dela para as camadas populares e escravizados negros ou mesmo para a população indígena (ANDRADE; PEREIRA, 2021).

Mais tarde, a partir de 1930, com o crescimento da industrialização no Brasil, houve a necessidade da capacitação dos trabalhadores, passando a Educação de Adultos² a ter o interesse dos industriários, havendo uma grande mobilização da alfabetização, no intuito da formação não somente de eleitores, mas também de uma mão de obra que soubesse o manejo das máquinas. Ou seja, priorizou-se a educação técnica, interligada com a educação de adultos, para a qualificação da mão de obra para as indústrias da região sudeste, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro (SILVA; SANTOS, 2021).

De acordo com Andrade e Pereira (2021), somente a partir de 1940 a EJA passa a fazer parte do sistema educacional no Brasil, quando houve a necessidade de a população se concentrar nos centros urbanos, devido a transformações dos processos industriais, partindo daí a urgência da mão de obra qualificada durante a “Era Vargas”. Sendo assim, Silva e Santos (2021) ressaltam que a EJA tinha como principal objetivo a formação da mão de obra qualificada devido ao crescimento industrial.

Desta forma, os desafios para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos possuem suas raízes na história da educação brasileira, na qual, durante séculos, o Estado manteve um sistema de ensino excludente, tendo na EJAI uma política educacional compensatória a serviço dos meios de produção em vigência (ANDRADE; PEREIRA, 2021, p. 210).

Dadas essas considerações, tanto Andrade e Pereira (2021), quanto Delfino e Freitas (2021) concordam que a EJAI surgiu como uma forma compensatória e de reparação de um sistema educacional excludente, para quem não teve oportunidade de aprender na infância.

Ainda é importante considerar que com o aumento na expectativa de vida da população no Brasil, o idoso foi incluído na EJAI como forma emergencial por políticas e campanhas de

² Vale salientar que atualmente há o surgimento de uma nova denominação para EJA no Brasil, a partir da necessidade de que a modalidade contemple todas as esferas da sociedade. Surge então a EJAI (Educação de Jovens, Adultos e Idosos).

reparação, visto que essa população estava cada vez mais presente nos diversos contextos da sociedade (DELFINO; FREITAS, 2021).

De acordo com o Tábuas Completas de Mortalidade, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2019) a expectativa de vida dos brasileiros aumentou para 76,3 anos em 2018. Nesse ínterim, a inserção dos idosos na educação de jovens e adultos passou a compor a EJAI, a qual tem seu compromisso fundado e afirmado pela V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFITEA), VI CONFITEA e o Estatuto do Idoso (DELFINO; FREITAS, 2021, p. 56).

De acordo com a VI CONFITEA (Conferência Internacional de Educação de Adultos), atualmente avanços são observados nas conquistas por gerações das mulheres mais novas, o que proporciona na contemporaneidade uma tendência contrária na EJA(I) e no sistema educacional como um todo: um número mais elevado de mulheres que o de homens com acesso à educação (BRASIL, 2009). São mulheres que, mesmo exercendo a mesma função e com mais escolaridade, ainda são discriminadas e na maioria recebem salários inferiores aos dos homens.

Diversos programas foram criados para alfabetizar jovens e adultos durante várias décadas no Brasil. Dentre eles foi criado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), durante a “[...] década de 70, ainda sob a ditadura militar, [e] marca o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL, que era um projeto para se acabar com o analfabetismo em apenas dez anos” (LOPES; SOUSA, 2005, p. 6). Foi um programa que não obteve sucesso, já que se atinha apenas à cartilha alfabetizadora como recurso didático, e também era constituído por profissionais que não possuíam formação adequada para assumir a Educação de Jovens e Adultos e Idosos (ANDRADE; PEREIRA, 2021).

Posteriormente, o MOBRAL foi substituído pela Fundação EDUCAR – isso se deu em 1985, permitindo a expansão das atividades na modalidade EJAI, havendo, portanto, a união de políticos, estudantes e educandos em defesa da gratuidade da escola pública a todos. Durante a década de 1980, a Nova Constituição de 1988 passou então a assegurar que o Ensino Fundamental fosse obrigatório e gratuito para as pessoas que não concluíram seus estudos na idade própria. Pouco a pouco a EJAI perde força, junto às ações do governo. Assim, a Fundação EDUCAR foi extinta em 1990 no início do governo Collor, quando foi transferida a responsabilidade da EJAI para as esferas estaduais e municipais, em prol da diminuição dos gastos da máquina administrativa (LOPES; SOUSA, 2005).

Entretanto, a partir do ano de 2003, o governo Federal, através do MEC, anuncia que a Alfabetização de Jovens e Adultos seria compromisso do governo em escala federal, sendo

instituída a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, a qual visava acabar com analfabetismo durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, no período de quatro anos. Para o alcance desse objetivo, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado. Por meio desse programa, o MEC contribui com órgãos nas esferas estaduais e municipais, e também com instituições do ensino Superior (LOPES; SOUSA, 2005).

Ainda assim podemos nos indagar: quem são os sujeitos que frequentam a EJAI na contemporaneidade? Conheceremos um pouco na próxima seção.

3.2 O PERFIL DO PÚBLICO QUE COMPÕE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E IDOSOS

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo nº 37, 38 e 39 citam que:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular;

Art. 39. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. (BRASIL, 1996, p. 19/20).

As funções da EJA diante das justificativas apresentadas, “nesse sentido, a função reparadora da EJA se articula estreitamente com a sua função equalizadora e, de certa forma, com a função qualificadora. No cumprimento da sua função reparadora” (CAMPELO, 2009, p.6).

A modalidade da EJAI (Educação de Jovens Adultos e Idosos) é formada, dessa forma, por pessoas que tiveram seu percurso estudantil interrompido por diversos motivos. Dentre eles podemos citar: dificuldades financeiras; precisar trabalhar muito cedo, para o próprio sustento ou mesmo ajudar a família no sustento da casa; repetidas reprovações, estando em idade e série incompatíveis em frequentar o ensino regular. O Parecer CNE/CEB Nº: 6/2020 assinala que:

Nesse contexto, uma característica a ser destacada em relação aos sujeitos da EJA é o vínculo com o trabalho, seja por serem filhos de trabalhadores, por estarem em busca de emprego ou por já fazerem parte do mundo do trabalho. Esse público tem o trabalho como prioridade e necessidade diferenciada de organização dos demais tempos da vida e que, ao retomar ao processo de escolarização, precisa assumir o

compromisso do presente para a construção do futuro. São sujeitos de múltiplos saberes constituídos nas experiências de suas histórias de vida, marcadas por descontinuidades que ficam evidentes em seus percursos escolares (BRASIL, 2020, p. 4).

Quando criada a EJA, a princípio tinha o objetivo de atender mais ao público adulto, pois segundo Moscovits (2017, p. 22), “o analfabetismo [atingia], em número maior, os adultos, posto que os jovens aparentemente dispõem de melhores condições para acessar a escola”. Mas isso tem mudado devido ao crescente número de jovens ingressantes na modalidade. Segundo o Parecer CNE/CEB Nº: 6/2020, isso se confirma quando:

Em 2019, segundo dados do Educacenso 2019, o Brasil registrou 3,2 (três milhões e duzentos mil) estudantes na EJA. Desse total, cerca de 30% (trinta por cento) das matrículas são de jovens com idades entre 15 (quinze) e 19 (dezenove) anos. Todavia, conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) 2018, indicaram que 11,8% (onze vírgula oito por cento) dos jovens nesta faixa etária (1,1 milhão) estavam fora da escola. Ou seja, trata-se de jovens que receberam nova oportunidade de garantir seu direito à educação, ao integrar o público da EJA, visto que essa modalidade atende pessoas que, por algum motivo, não completaram seus estudos durante o período regular (BRASIL, 2020, p. 3).

Pode-se perceber que além da idade elevada, por repetidas reprovações, jovens que frequentam o ensino regular e os que já frequentam a EJA acabam optando pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos, pois segundo os estudantes, oferece praticidade no processo de acelerar os estudos e com isso podem se beneficiar com o avanço desse período, terem a chance de ser inseridos no mercado de trabalho em menos tempo. Alguns que frequentam o ensino regular pretendem migrar por causa da aceleração dos estudos, pois segundo eles será mais vantajoso até no que diz respeito a sua entrada mais rápida no mercado de trabalho. Nesta perspectiva, Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 65) afirmam que

A entrada precoce no mercado de trabalho e o aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho constituem os fatores principais a direcionar os adolescentes e jovens para os cursos de suplência, que aí chegam com mais expectativas que os adultos mais velhos de prolongar a escolaridade pelo menos até o ensino médio para inserir-se ou ganhar mobilidade no mercado de trabalho.

Afinal, quais são os estudantes que procuram a EJA(I)? Arroyo (2017, p. 14) nos traz mais interrogações, o que nos leva a refletirmos, na realidade, “quem são os jovens-adultos, adolescentes? De onde chegam e para onde voltam? O que esperam dos seus educadores/as?” Somos jovens e adultos, mulheres negras, mães trabalhadoras do campo, chegando cansados do trabalho árduo do dia a dia, chegando e voltando de bicicletas, ônibus ou a pé. Esperamos encontrar nos professores a motivação para sermos inseridos na sociedade de forma mais igualitária. Nesta mesma perspectiva, essas indagações podem ser respondidas quando se passa a refletir sobre as diferentes realidades de um público heterogêneo que compõe essa

modalidade, portanto a partir da constatação a respeito de diferentes realidades, podem-se entender as diversidades dos que procuram a EJA(I).

Neste mesmo sentido, essas indagações podem ser respondidas por Silva e Santos (2021, p. 39) quando estes autores afirmam que

Somos, sim, pertencentes a um extrato da sociedade, negras e negros, mulheres e homens que se constituem dentro de infinitas possibilidades, camponeses com ou sem terra, moradores das grandes cidades, nas periferias urbanas das pequenas cidades, somos filhas e filhos em uma multiplicidade de experiências que se somam ao longo da nossa vida.

Diante dessa discussão, Arroyo (2017) nos convida ao aprofundamento nesses questionamentos para entender a realidade dos passageiros da noite, a que classe social pertencem, podendo estes que procuram a EJA(I) serem participantes ou não de algum programa social, embora chegando de uma rotina cansativa, muitas vezes em percursos desumanos, são homens e mulheres negros vivendo à margem da sociedade, buscando mudanças na sua realidade por meio da educação.

Percebe-se que ainda são gritantes as desigualdades, no que diz respeito a relações de gênero, pois apesar do avanço e das conquistas das mulheres, ainda prevalecem muitas diferenças de salários entre homens e mulheres, mesmo as mulheres desempenhando a mesma função que os homens. No passado essa discriminação era bem maior e a mulher não dava importância ao direito à educação.

Sem contar que muitas delas têm várias outras atribuições na família e no sustento da casa. Para além dessas percepções, Nascimento, Santos Filho e Costa (2017, p. 206) assinalam que

Se pensarmos que a maioria dessas mulheres da EJA são mães, donas de casa e muitas delas, inclusive, são responsáveis pelo sustento e educação de suas famílias, poderemos ampliar essa análise para os problemas que enfrentamos com educação dos jovens, a criminalidade, a segurança pública e tantos outros problemas que detonam uma realidade social ainda mais complexa e desigual [...].

Percebemos, assim, que os estudantes da EJA apresentam dificuldades de diversas ordens: em virtude de precisarem trabalhar desde a mais tenra idade, pelas repetidas reprovações, dificuldades financeiras em concluir os estudos, outros de assumir a responsabilidade, ou ter que contribuir com o sustento da família etc. são alguns dos motivos que levaram esses sujeitos a se afastarem dos estudos. Sendo excluídos de diversos espaços da sociedade, hoje eles veem na EJA não apenas a retomada dos estudos e inserção no mercado de trabalho, mas também a oportunidade de ocupar espaços da sociedade que são seus por direito.

No próximo capítulo serão apresentadas as narrativas de uma mulher negra e mãe, trabalhadora da zona rural, que depois de alguns anos resolve retornar à sala aula na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, em busca da realização profissional, e que carrega a esperança em passar em um concurso público.

4. MARIA, MULHER, NEGRA E MÃE, FINALIZA SEUS ESTUDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Quem diria que a educação transformaria minha vida a tal ponto de revolucionar a trajetória de simples lavradora a estudante, no sentido de reconstruir a caminhada, quebrando paradigmas e preconceitos, e pouco a pouco foram surgindo as oportunidades na construção inicial do meu itinerário de formação profissional e pessoal?

Diante da relevância das narrativas autobiográficas para a construção das identidades dos sujeitos, peço licença para narrar minha trajetória estudantil durante o Ensino Médio na modalidade da EJA, onde são incorporadas nessa modalidade pessoas jovens, adultas e idosas que procuram através da educação amenizar as desigualdades sociais. “Dessa maneira, falar da própria experiência e torná-la espaço de reflexividade para compreender como o saber se constrói e se valida, a partir do contato com outras experiências, tem sido o fio condutor de minhas reflexões e construções conceituais” (OLIVEIRA; RIOS, 2020, p. 240).

4.1. HISTÓRIA DE VIDA E ASPECTOS GENEALÓGICOS

Nascida em 03 de agosto de 1973, na localidade de Tocos I, próxima ao distrito de Quixabeira³ no município de Governador Mangabeira, Bahia, que está a 149 km de distância da cidade de Salvador. Na comunidade de Tocos I, os moradores viviam da agricultura familiar, cultivavam basicamente para o sustento da própria família, como a mandioca, o feijão e o milho, e vendiam o que excedia do consumo da família. Outra cultura, por exemplo, era a lavoura do fumo, plantavam e colhiam para vender aos armazéns, como assim chamavam as empresas que forneciam adubação ou apenas compravam o fumo, quando os lavradores conseguiam comprar a adubação por conta própria.

Sou filha de pais lavradores que tiravam o sustento da família trabalhando na roça, meu pai também trabalhava em uma casa de farinha peneirando a farinha e nos finais de semana viajava para a entrega da farinha de mandioca, sendo o transporte feito em um caminhão, onde o motorista era o próprio dono da casa de farinha. A farinha era entregue em feiras livres em Salvador, saía às sextas-feiras e retornava aos domingos.

³ Quixabeira é um distrito pertencente ao município de Governador Mangabeira na Bahia, que fica a 10,7 Km do centro da cidade. E a 21 km de Cruz das Almas, município onde está situado um dos campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), bem como sua Reitoria.

Minha mãe biológica faleceu precocemente durante um parto complicado, quando eu tinha apenas 4 anos de idade. Como habitualmente ocorre em nossa sociedade patriarcal, ainda mais nos idos da década de 1970, meu pai casou-se pela segunda vez com nossa segunda mãe, que sempre cuidou muito bem de nós (de mim e de um irmão, um ano mais velho do que eu). Apesar de vagas lembranças da nossa mãe biológica, recordo-me dos doces que ela fazia e também de uma pequena máquina de costura manual, que usava para costurar roupas de alguns familiares, sem nenhum retorno financeiro.

4.2. TRAJETÓRIA ESCOLAR: O PRIMÁRIO E AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA ADOLESCENCIA

Desde cedo eu gostava muito de estudar, e tinha o desejo de um dia vir a me tornar professora, mas por diversos motivos me vi impossibilitada de prosseguir nos estudos, sendo o principal motivo a falta de escola de Ensino Médio no campo. Em 1980, fomos morar, a família toda, em Jacarezinho⁴, onde meus pais, com muito esforço, conseguiram comprar um terreno um pouco maior para o cultivo da mandioca, fumo feijão etc.

Conclui o 1º Grau⁵ em ensino regular na localidade de Quixabeira, na Escola Edivaldo Machado Boaventura, hoje o atual Centro Educacional Professor Agnaldo Viana Pereira (CEPAVP), onde não existia escola de Ensino Médio para a formação do Magistério, sendo que na época era o mínimo exigido para estar habilitada para lecionar em uma escola, outro motivo se refere às dificuldades financeiras, sendo necessário trabalhar cedo, e também incompatibilidade entre os horários do trabalho e da escola. Sendo assim, “as diversas discussões sobre as trajetórias de exclusão a que os jovens e adultos são submetidos levam-nos a pensar em quais possíveis fatores determinaram o seu afastamento do espaço escolar” (SANTOS; ANDRADE, 2021, p. 318).

São inúmeras as razões que levam jovens e adultos a se distanciarem dos estudos, no meu caso, o que a princípio me impediu de prosseguir nos estudos foram as dificuldades financeiras, de necessitar pagar transporte até uma escola de Ensino Médio do município de Governador Mangabeira, sendo que por volta do ano de 1993 ainda não tínhamos transporte gratuito da zona rural desse município. Outro motivo foi começar a trabalhar nesse mesmo ano como telefonista, nos chamados PS (Posto de Serviço) da extinta Telebahia

⁴ Jacarezinho, localidade de Governador Mangabeira que fica a 12,5 Km do centro da cidade. E a 22,8 km de Cruz das Almas, cidade onde se encontra um dos campus da UFRB.

⁵ Atualmente Ensino Fundamental.

(Telecomunicações da Bahia S/A), uma empresa estatal que foi privatizada em 1998, passando assim a constituir-se a Telemar (Tele Norte Leste Participações S/A) (FARIA; FISCHER, 2001), que era uma companhia telefônica responsável pelo serviço de comunicação das regiões onde não se tinha acesso ou condições para aquisição e manutenção de um telefone fixo residencial e nem tão pouco existiam orelhões. Sendo estes, mais tarde instalados na região de Jacarezinho para atender a comunidade.

Trabalhando como telefonista e na lavoura no turno oposto, os horários ficaram incompatíveis para conciliar trabalho e estudos, já que eu trabalhava às vezes tirando folgas de duas telefonistas, ora trabalhando no turno da manhã, e outra vez trabalhando no turno da tarde. A princípio, quando comecei a trabalhar como telefonista, tinha a intenção de ser professora, sendo que nem todas as professoras da região tinham concluído o Ensino Médio, passando por formações posteriores para continuar lecionando. Eram as professoras leigas, comuns no Brasil, prioritariamente onde havia uma ausência de cursos de formação em nível de Magistério ou Licenciatura.

As formações poderiam ser feitas posteriormente pois, conforme a Lei nº 4.024/1961, artigo 57, “a formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio” (BRASIL, 1961). Imaginava que eu daria conta de assumir uma sala de aula, sem formação do Magistério. Mas, na época, por volta de 1993, em Governador Mangabeira, para ser professora precisaria ter concluído ou estar cursando minimamente o Magistério.

De acordo com a LDB, Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, no Artigo 54, “as escolas normais, de grau ginásial expedirão o diploma de regente de ensino primário, e, as de grau colegial, o de professor primário” (BRASIL, 1961). É possível observar pelo que está exposto acima que na LDB vigente em 1961 não era exigida formação em nível superior para exercer a profissão de professor no ensino primário, principalmente em escolas rurais, onde existia a escassez de profissionais com habilitação do Magistério e ainda mais em nível superior, sendo ofertadas formações para que continuassem a lecionar, quando estes não possuíam a formação do Magistério.

Acabei desistindo de estudar por dificuldades financeiras, como precisar pagar transporte, começar a trabalhar cedo, pois existiam obstáculos para conciliar trabalho e estudos. Fiquei por dois anos e meio como telefonista, até 1995, ano em que me casei e continuei morando em Jacarezinho, preferindo deixar o trabalho, pois a remuneração era pequena e continuei a trabalhar apenas na roça. Como afirmam Santos, Silva Junior e Santos (2017), ao longo do tempo, percebe-se uma escassez de ações na área da educação voltadas

para as pessoas do campo, ou seja, o governo brasileiro não via estes sujeitos como prioridade, desta forma, sendo excluídas do exercício de direitos fundamentais. Dadas estas considerações, fica claro que a educação no meio rural convive com a falta de oportunidades para a população no campo. Mesmo diante dessas impossibilidades, e das dificuldades em relação ao transporte, precisar trabalhar, antes de no mínimo ter concluído o Ensino Médio, jamais deixei findar o desejo de retomar os meus estudos para dar início ao Ensino Médio.

De acordo com Santos e Andrade (2021, p.320) o fato de estarem encurralados em condições socioeconômicas desfavorecidas leva-os a distanciar-se do âmbito escolar e adentrar no mundo do trabalho precocemente, perpetuando um ciclo vicioso de miséria, pois a falta de qualificação profissional os levará a trabalhos braçais e mal remunerados.

Foi pensando em mudar minha realidade, diminuir as desigualdades sociais e reconstruir minha história, desconstruindo o que aparentemente já estava traçado, pelo fato de ser casada e mãe de quatro filhos, que era continuar trabalhando na lavoura, que resolvi voltar a frequentar a sala de aula, pois as crianças estavam crescendo, o que me daria mais liberdade e também almejava dar um futuro melhor para minha família. É possível perceber que “a EJA no meio rural aparece quando as próprias pessoas que residem neste ambiente percebem a necessidade de educação” (SANTOS; SILVA JUNIOR e SANTOS, 2017, p. 78). Não é nada fácil, pois também enfrentamos preconceitos, enquanto

[...] a visão especialista, que concebe a infância como melhor período para o processo de aprendizagem [...] enquanto no adulto esse processo de desenvolvimento já terminou e, portanto, os adultos terão dificuldades em iniciar ou dar segmento aos estudos e a visão de que educar é inútil [...] (SANTOS, SILVA JUNIOR; SANTOS, 2017, p. 78-79).

Não se pode generalizar, pois segundo Freire (1996), o ser humano é um ser inacabado e está em constante aprendizado ao longo de sua vida. É importante destacar ainda que aprender é um movimento contínuo, seja em qualquer idade durante a trajetória de jovens, adultos e idosos. De acordo com Freire (1996, p. 24),

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade.

Por isso que durante a minha trajetória, me reconheci em um processo inacabado, em que precisava aperfeiçoar-me, sendo possível através da educação dar continuidade aos estudos com uma visão de que, apesar do passar dos anos, era possível aprender sempre durante toda a vida, tendo como sujeitos inacabados jovens, adultos e idosos, que segundo Arroyo (2017, p. 39) “de volta à escola, têm direito a entender-se não apenas como passageiros do fim do dia, mas como persistentes passageiros do fim da cidade, dos campos,

da organização do trabalho, da concentração da terra, da renda”. Pois apesar da importância da agricultura familiar no progresso do país, financeiramente deixa muito a desejar, e sempre tive um imenso desejo em retomar os estudos e conseqüentemente retornar ao mercado de trabalho formal, no meu caso voltar a estudar significava buscar qualificação profissional, onde mulheres e mães desejam deixar de depender exclusivamente do homem. Em resumo, busquei qualificação por meio dos estudos para ser inserida no mercado de trabalho. Como afirma Josso (2020, p. 44),

[...] não se deve esquecer que o retorno das mulheres ao mercado de trabalho, por desejarem libertar-se do modelo tradicional da esposa “do lar” e do homem provedor, também incentiva o desenvolvimento de habilidades induzidas pelo mercado de trabalho: todas as atividades de uma esposa, mãe e mulher, certamente “do lar”, mas cujas atividades excederam os muros!

Assim como afirma a autora, algumas mulheres como eu não aceitam ter que continuar apenas sendo vistas como do lar, por isso vi nos estudos a possibilidade de contribuir financeiramente para garantir melhores condições para meus filhos e para a realização pessoal, possibilitando a realização de um sonho de infância, que era o de ser professora, portanto desenvolver novas habilidades para alcançar essas mudanças, o que decerto também contribuiria para meu aperfeiçoamento profissional e pessoal, na busca pela diminuição das desigualdades sociais tão escancaradas no contexto daqueles sem qualificação profissional.

Também a princípio nem imaginava cursar o Ensino Superior, pensava apenas em passar em um concurso público, pois a maioria das vagas em qualquer concurso o nível mínimo exigido era o Ensino Médio.

4.3 TRAJETÓRIA ESCOLAR: O CONTRASTE COM AS MEMÓRIAS EM BUSCA POR QUALIFICAÇÃO

A primeira vez em que eu entrei em uma instituição de Ensino Superior, foi quando eu tinha apenas o Ensino Fundamental, durante um curso de treinamento de seleção pública, que aconteceu quando fiquei classificada em segundo lugar no concurso de agente comunitário de saúde (ACS) no ano de 2008 no município de Governador Mangabeira, onde o aprovado em primeiro lugar trabalharia na Localidade de Jacaré Grande I⁵, próxima da minha casa. Os classificados em primeiro e segundo lugar passariam por um curso de treinamento em uma faculdade adventista, o IAENE, em Capoeiruçu, no município de Cachoeira, no entanto o

⁵ Jacaré Grande I, localidade do município de Governador Mangabeira que fica a 14,7 Km do centro da cidade. E a 13,5 Km do centro da cidade de Cruz das Almas, onde está situado um dos campus da UFRB.

primeiro lugar poderia ser desclassificado se obtivesse uma nota na prova final inferior a sete, passando assim a vaga para o segundo concorrente, se este obtivesse a nota maior. Durante os cinco dias de cursos foi muito gratificante a convivência com os colegas e os instrutores de curso. Os participantes nem pareciam que eram concorrentes e não se percebia rivalidade entre os concorrentes de cada localidade (primeira e segunda posição). Nessa última etapa do curso, fizemos uma prova final na qual tirei a nota nove e meio, mas o primeiro lugar se manteve, pois a regra dizia que o primeiro lugar só seria desclassificado se o candidato tirasse na segunda prova uma nota inferior a sete.

Diante do resultado até me atrevi a rabiscar algumas palavras no meu caderninho de anotações, e deixei transparecer os sentimentos daquele momento, o que seria um desabafo e ao mesmo tempo a minha força e resistência que daria suporte para enfrentar os desafios que pretendia vencer durante esse novo cenário da minha vida. O texto descrevia o seguinte:

O dia de amanhã se encarregará de buscar novos horizontes e eu também procurarei me aprimorar e reconquistar minhas investidas e anseios de uma vida plena, com total convicção de que sou capaz, sou realista, pois nada cai do céu, mas vou permanecer confiante que minha vez vai chegar e conquistarei meus objetivos. Sou capaz sem sombra de dúvida e abraçarei minha causa porque sem perseverança e entusiasmo não se consegue nada. E certa de serei uma profissional excelente. Só Jesus me guia pelos caminhos entre garra, força e total confiança de que vou conseguir (AUTORA, 2008).

Ora, sou otimista, em alguns momentos posso parecer ser um pouco pretensiosa, mas seguramente foi o que me manteve confiante ao longo da minha trajetória, por sempre procurar ser estimulada pelos desafios.

Não ocupei a vaga de agente comunitário de saúde, mas a partir daquele instante, tive a sensação de que aquele seria apenas o início da minha trajetória profissional na busca por qualificação, pois tudo começou a fazer sentido, os meus sonhos não estavam cancelados, apenas momentaneamente adiados. Para Lins (2010, p. 1), “para tanto, o conhecimento das trajetórias de vida dos sujeitos que permeiam o universo da EJA, insere-se como fundamental. O entendimento dos sentidos atribuídos por esses sujeitos entre ser, sentir-se e estar no mundo sobre suas necessidades de aprendizagem” que se faz presente para compreendermos a Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil.

4.4. TRAJETÓRIA ESCOLAR: O ENCONTRO COM A EJA E OS DILEMAS DA VIDA JOVEM-ADULTA

No ano seguinte, em 2009, estava decidida a retomar os estudos, procurei me matricular no primeiro ano do Ensino Médio do ensino regular e fui orientada por meu ex-

professor de história do Ensino Fundamental Anos Finais a fazer a matrícula em anexo do Colégio Estadual Edgard Santos (CEPES) na modalidade da EJA no distrito de Quixabeira, que além ser a mais adequada para o meu perfil, ficaria mais próximo da minha casa. Esse anexo do Colégio Estadual Edgard Santos funcionava no Centro Educacional Professor Agnaldo Viana Pereira (CEPAVP), antigo Edivaldo Machado Boaventura, escola do município, onde concluí o Ensino Fundamental da 5ª a 8ª série.

Apesar de temerosa por ter que deixar os meus quatro filhos de 2, 5, 12 e 13 anos em casa à noite, o próprio professor me sugeriu que para o meu perfil, seria mais viável estudar nessa modalidade e os filhos mais velhos poderiam estar supervisionando os mais novos nos dias em que meu marido estivesse trabalhando, visto que o mesmo trabalhava como vigilante noturno em dias alternados. Santos (2009, p. 72) salienta que

Para a mulher, no entanto, a inserção no mundo do trabalho depende de alguns fatores, como por exemplo, a qualificação profissional, sem ela, as mulheres ficam em desvantagem no mercado de trabalho formal, em relação aos homens. Para buscar qualificação ou entrar no mercado formal a mulher necessita de uma estrutura que atenda as demandas relacionadas ao cotidiano doméstico e o cuidado com as crianças.

A falta de políticas públicas que venham atender essas mulheres que desejam voltar ao mercado de trabalho e procuram se qualificar acaba criando uma barreira para conciliar trabalho e estudos, por não ter com quem ter que deixar os filhos, principalmente durante o período da noite. Para Santos (2009), mulheres que não chegaram a concluir o Ensino Médio a partir do nascimento do primeiro filho relataram que para que elas possam retornar à sala de aula precisam se sentir seguras em relação a ter com quem deixar os filhos e algumas entre elas não têm o consentimento do companheiro. O que me deixou menos temerosa com relação a deixar as crianças sozinhas, apesar das advertências da minha mãe, era a proximidade da escola da minha residência e da dos meus pais. Como bem expressa Santos (2009, p. 103),

Em sua maioria entrevistadas, afirmam que a falta de um lugar seguro para deixar as crianças é o maior impedimento para o acesso ao mundo do trabalho, mesmo as que moram com um companheiro, sentem por não poder sair de casa para trabalhar ou estudar por falta de creche pública, onde seus/suas filhas pudessem ficar em segurança.

Geralmente as mulheres que retornam à escola enfrentam diversos problemas no que diz respeito principalmente a não ter com quem deixar os filhos, sendo essa a principal dificuldade das mulheres e mães no retorno aos estudos. No meu caso, ainda tinha a questão do meu marido trabalhar no turno noturno como vigilante, o que dificultaria ainda mais. Apesar de considerar que era quase inviável voltar a estudar, o que me deu mais confiança foi o apoio dos meus pais, por morarem muito próximos à minha residência. Ainda assim havia as

advertências da minha mãe, dizendo que eu devia desistir de voltar para escola, compreensível para a geração dela, visto que estava acostumada com uma educação em que o papel da mulher era o de cuidar dos filhos e trabalhar na roça, e não via a perspectiva de que essa realidade viesse a ser mudada por meio dos estudos. Pois para ela se não deu para estudar antes, eu tinha que aceitar o que já estava traçado, que era o papel da mãe e dona de casa e continuar apenas a trabalhar na lavoura.

E nem entendia que na minha geração algumas modificações estavam acontecendo. Segundo Hooks (2013, p. 38), era uma geração em que já “tínhamos orgulho de nós mesmos, da nossa vontade de transgredir as regras”, agora as mulheres como eu, que não tinham concluído os estudos, almejavam e almejam mudar essa realidade, buscando se qualificar e buscar novos horizontes e para que isso acontecesse eu precisava retomar os estudos.

Nessa mesma direção, “[...] as estudantes expressam o quanto é difícil conciliar os estudos com as atividades do lar e as atividades laborais, demonstraram passar por algumas dificuldades que trazem transtornos em seu cotidiano” (NASCIMENTO; SANTOS FILHO; COSTA, 2017, p. 206). Com relação a minha trajetória, não foi diferente, tive que mudar alguns hábitos para dar conta e tentar conciliar os afazeres da casa, cuidar dos filhos e trabalhar na lavoura, para que pudesse estudar à noite. Entre as mudanças estavam: parar um pouco mais cedo do trabalho da roça para fazer a janta, dar banho nos filhos menores, e conseguir que eles comessem antes da minha saída à noite para a escola da EJA. Segundo Nascimento, Santos Filho e Costa (2017), ao nos referir às mulheres que compõem a EJA, em grande parte, além do papel de mãe, estas são responsáveis pelos afazeres domésticos, ainda têm a incumbência da manutenção da casa e educação familiar.

Ainda que o ônibus passasse próximo a minha casa, saía de casa com antecedência, perto das 18 horas, para que não perdesse o transporte escolar, sendo que a minha residência ficava a alguns metros de distância do ponto mais próximo por onde o ônibus passava. No retorno para casa, em torno das 22 horas, andava alguns metros no escuro, meu pai preocupado com a minha segurança colocou por conta própria braços de luz e algumas lâmpadas nos postes de iluminação que ficavam na entrada da nossa casa. Esta iluminação foi regularizada mais tarde pela companhia elétrica.

Quando me matriculei, nem tinha conhecimento do que era realmente a modalidade da EJA. Sabia apenas que se tratava de um curso supletivo próprio para quem não estivesse em idade regular para os estudos e/ou que precisava trabalhar durante o dia, assim como eu, que trabalhava na roça para contribuir no sustento da casa. Mas, independente de ser um ensino regular ou na modalidade EJA, não se pode deixar de colocar que “a melhor formação é capaz

de promover não somente a autoestima, mas também a compreensão de seus direitos e papel dentro dos espaços que pretende ocupar seja no mercado de trabalho ou de qualquer outra esfera da sociedade” (NASCIMENTO; SANTOS FILHO; COSTA, 2017, p. 2010). Desta forma, deve-se considerar que voltar a estudar possibilita uma educação capaz de formar um cidadão crítico, capaz de reconhecer seus direitos perante a sociedade, sendo assim, voltar a frequentar a sala de aula na modalidade da EJA me permitiu resgatar minha autoestima, além de ampliar minhas oportunidades de ingressar no mercado de trabalho, e o reconhecimento de meus direitos, de assumir o papel da mulher e mãe que almeja mudanças de sua realidade perante à sociedade.

Sabia que seria alvo de preconceitos por parte de algumas pessoas, e o que constatei mais tarde é que não aceitavam que uma mulher, mãe, negra e trabalhadora da zona rural resolvesse mudar o curso de sua história, buscando amenizar as desigualdades sociais por meio da educação. “Como se as pessoas negras, historicamente, não soubessem que não é possível fazer o que se quer por conta do racismo, que mata não apenas sonhos, mas vida” (RIBEIRO, 2021, p. 153). No entanto, não podemos deixar que nossos sonhos sejam desfeitos por nos sentirmos inferiores, ou sermos vistos pela sociedade em posição de desigualdade, embora haja contradição, devemos caminhar com determinação em busca dos nossos objetivos, independente de gênero, raça ou condição social.

Estava tão radiante em voltar a estudar e não internalizava o que alguns falavam: “Já estou velho pra voltar a estudar!”; ou “O seu tempo já passou!”. O meu desejo em aprender coisas novas e me atualizar não me permitia visualizar esses empecilhos. Nesse contexto é importante “entender as relações sociais, de gênero, de raça e de trabalho, de onde chegam e para onde voltam. Entender, sobretudo, seus saberes, valores e identidades, feitos de resistências por emancipação” (ARROYO, 2017, p. 20). Desta forma, estudar para mim significava liberdade na construção de novas identidades, o que me permitia buscar novos aprendizados, independente de gênero, raça ou condição social, e nem importava com julgamentos por parte de algumas pessoas. O importante naquele momento era deixar para trás o tempo em que não tive a oportunidade de adquirir novos conhecimentos.

Apesar do meu afastamento dos estudos por cerca de 17 anos, tudo naquele momento era de encantamento, apesar das dificuldades, o ambiente da escola, os professores, a quem sempre tive muito respeito e admiração pela profissão, os colegas, com quem sempre tive uma relação de companheirismo, pois embora fosse um pouco tímida, sempre tive afinidade com boa parte da turma. Fiquei muito feliz em encontrar uma antiga colega da minha turma da 8ª

série que por razões parecidas havia deixado de estudar e também viu na EJA a possibilidade do prosseguimento nos estudos.

Vale ressaltar que os perfis desses jovens e adultos nos anos 2009 e 2010 eram mais comprometidos com os estudos que os atuais, mas este debate não é o objeto desta pesquisa. Em relação aos professores, foram muito importantes nessa nova fase da minha trajetória como estudante da EJA, embora esses professores não tivessem uma formação específica para atuarem nesta modalidade, era possível perceber o interesses destes para que os alunos conseguissem persistir nos estudos e por muitas vezes nos incentivavam a busca por novas qualificações. Conforme Arroyo (2006, p. 17-18),

Acho interessante partirmos desse ponto quando nos defrontamos com esta questão: como formar educadores e educadoras de EJA? Podemos partir de um dado histórico, que tento destacar, não temos parâmetros oficiais que possam delinear o perfil do educador de jovens e adultos e de sua formação porque, também, não temos uma definição ainda muito clara da própria EJA. Essa é uma área que permanece em construção, em uma constante interrogação.

Mas, segundo Fernandes e Gomes (2015), o professor deve estar capacitado para lidar com os alunos da EJA, visto que estes procuram novos entendimentos acerca do mundo, neste sentido os professores precisam uma preparação diferente, para que esta não seja equivocada, como alguns profissionais infantilizam as práticas na Educação de Jovens e Adultos, como se estivessem lidando com as crianças da Educação Infantil, ou mesmo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Sendo assim, “a função primeira de um currículo de formação dos docentes-educadores será que entendam a radicalidade desses percursos humanos, para ajudar esses adolescentes, jovens-adultos a entenderem-se protagonistas desses percursos sociais, escolares” (ARROYO, 2017, p. 42). Nesta mesma direção, recordo-me de alguns professores que eram estudantes da UFRB, que sempre falavam das possibilidades do nosso ingresso na Universidade, o que para mim era impossível diante das dificuldades financeiras, mulher negra, mãe de quatro filhos e principalmente por acreditar que as lacunas do processo formativo da EJA em disciplinas específicas, a exemplo de Matemática, Física, Biologia e Química, impediriam a minha aprovação e permanência em uma universidade pública como a UFRB. Certos conteúdos eram vistos de forma superficial, entendo que essa modalidade vem de uma realidade completamente diferente, como tempo reduzido e um público que na maioria são jovens e adultos trabalhadores que chegam e carregam consigo as lutas do dia a dia.

Apesar da correria do trabalho na roça, afazeres da casa que me faziam sentir cansada e ainda ter a preocupação com os filhos, se tinham conseguido comer antes da minha ida para a escola, já que tinha que tentar que comessem um pouco mais cedo e os mesmos não

gostavam muito, eu não reclamava muito, pois foi uma escolha minha e desde o início sabia que não seria nada fácil. Assumir o papel de mãe e trabalhadora que resolve estudar e ter que administrar tudo isso foi complicado, mas só não ia à escola se algum dos filhos estivesse doente. Sem contar que tinha que tirar um tempinho para ajudar nas tarefas escolares dos filhos menores, que no caso era a minha filha que tinha 5 anos, pois a caçula tinha 2 anos e ainda não estava estudando. Eu quase não saía de casa para ir à casa de parentes e amigos aos finais de semana, aproveitava para fazer as minhas atividades da EJA que não conseguia fazer durante a semana.

Mas apesar de sentir que determinados conteúdos eram limitados, mais importante que isso foram os incentivos dos professores, que me fizeram voltar a ter credibilidade em minha capacidade de superar os obstáculos e prosseguir em frente, alguns perguntavam o porquê de eu ter parado de estudar, pois na maioria das vezes participava das aulas, respondendo aos questionamentos dos professores, tinha entusiasmo em fazer as atividades tanto em grupo como também as individuais e sempre tirava boas notas.

Recordo-me quando a professora de Biologia na EJA disse que eu deveria fazer Serviço Social, não sei bem ao certo o motivo, acredito que foi pelo motivo de querer ajudar os colegas de turma sempre que eu podia. Descobri recentemente que a sua formação é Geografia, é importante destacar que essa mesma professora sempre me incentivava a seguir em frente, falava que eu tinha capacidade de entrar em uma universidade, que apesar dos filhos pequenos eu iria conseguir fazer uma graduação. Dizia as seguintes frases: “Maria, a princípio vai ser um pouco complicado, vai dar tudo certo, seus filhos já estão crescendo, você vai conseguir”. Mesmo depois da minha conclusão do Ensino Médio na EJA, eu a encontrava na rua, quando levava as crianças ao médico em Governador Mangabeira por exemplo, e ela sempre procurava me encorajar a fazer um curso superior.

Faço relação das falas dessa professora para comigo ao ler Santos e Andrade (2021, p. 317), os quais afirmam a importância de “estruturar a EJA à luz de processos pedagógicos que reconheçam o sujeito, sua história e suas expectativas significa reconhecê-lo como cidadão [...]”. Assim, ela me via enquanto sujeito, com minha história, respeitando minhas expectativas e sonhos, ao mesmo tempo em que me encorajava.

Por outro lado, recebi dos professores da EJA também o encorajamento de mostrar a capacidade de superação, entre eles recordo quando a professora de Língua Portuguesa incentivou a turma a participar de projeto sobre lixo e reciclagem, não recordo exatamente o nome do tema, as turmas do anexo da EJA do Colégio Edgard Santos teriam que apresentar

atividades referentes ao projeto de forma lúdica, juntamente com todos os alunos do colégio, na cidade de Governador Mangabeira.

Estudantes da turma também se apresentaram, dentre as apresentações estavam: um repente, com direito a viola e muita animação, apresentado por algumas colegas, música gospel, poesias sobre o tema etc., trabalhos manuais feitos com material reciclado, enfim, foi muito elogiado pelos professores, pois não deixamos nada a desejar, apesar de talvez não ser esperada muita coisa por sermos da EJA e alunos da zona rural. Foi muito importante para mim e para a turma esse momento, criei um pequeno texto que a professora me incentivou a apresentar e lá estava eu, apresentando um texto de minha autoria, buscando recuperar minha autoestima. Mesmo que os professores não falassem isso na época, estavam sendo inseridas as metodologias ativas na sala de aula: “Nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso” (MORÁN, 2015, p. 19).

O texto que apresentei descrevia o grito de socorro da natureza aos seres humanos para uma conscientização sobre alguns problemas ambientais. Tinha a seguinte mensagem:

A natureza pede socorro!
 Escute o que eu te digo, preste muita atenção se não tomarmos
 uma atitude não acabaremos com a poluição. Vejam meus amigos
 o que se pode fazer, transformar o lixo em coisas que venham a te
 surpreender. Devemos conservar o meio ambiente e tudo
 transformar, fazendo do “lixo” luxo com as coisas que você criar.
 Reciclando estamos diminuindo os impactos ambientais
 reutilizando, faremos com que diminua o lixo dos quintais. Folhas,
 cascas viram adubos e limpam o ambiente e não necessita de uma
 queimada ardente.
 No mundo em que vivemos somos cada vez mais materialistas,
 usamos copos e pratos descartáveis, para diminuir o trabalho ou
 muitas vezes por preguiça. Se pensa no lucro fácil e a riqueza nos
 cega, até indústrias fabricam coisas frágeis que logo quebram.
 Não vou fugir da luta e não vou me amedrontar.
 O que a humanidade precisa

Reutilizar, Reduzir e Repensar (AUTORA, 2009).

Escrita simples, mas que representava a liberdade de pensamentos críticos e meus questionamentos de estudante que no momento se reconhece como cidadã capaz de opinar sobre determinados problemas ambientais. Nesse momento teria dado início o meu processo de autonomia de pensamentos e criticidade, como afirma Freire (1996, p. 31): “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Quando comecei a escrever o texto que retrata alguns problemas ambientais, foi dado pela escola o respeito à autonomia aos alunos de construir e

opinar, com criticidade sobre determinados problemas. Diante desse contexto, como afirmam Castoldi, Bernardi e Polinarski (2009), é fundamental a inclusão de modelos educativos para desenvolver a percepção e a sensibilidade do ser humano, a fim de que ocorram transformações individuais, promovendo o entendimento da proporção do problema e dos inúmeros aspectos envolvidos.

Esses aspectos remetem à percepção minha e dos demais alunos da EJA na tomada de consciência dos reais problemas e possíveis soluções como primeiro passo para a visibilidade e necessidade de mudanças do comportamento humano no que diz respeito à natureza e aos valores da sociedade. Em consequência dessa atividade proposta pela escola e apresentada pelos alunos sobre reciclagem, reaproveitamento e preservação do meio ambiente, passamos a ter em mente que os problemas ambientais devem ser uma preocupação de todos, e também foi uma coincidência, pois no ano de 2009 eu sequer imaginaria um dia fazer um curso de Licenciatura em Biologia, onde estas questões são discutidas com frequência.

Hoje, entendo que há muitas formas de aprendizado, como exposto acima por Arroyo (2017), visto que a primeira atribuição na formação do currículo dos professores é entender que apesar das dificuldades, jovens e adultos podem ser protagonistas de suas conquistas no âmbito escolar e social. Portanto, oportunizando um futuro diferente de sua realidade através de incentivos recebidos pelos docentes, estes estudantes podem recuperar a sua autoestima por meio dos estudos.

Percebi nesse momento que meus sonhos estavam momentaneamente adormecidos e não cancelados e, a partir daquele instante, mesmo com inúmeras incertezas, eu poderia galgar novos rumos e nem imaginaria que eu pudesse chegar a uma universidade pública, bem como realizar o sonho que carregava desde a infância que era o de ser professora, considerando que meu objetivo na época era exclusivamente passar em um concurso público. Isto não mudou. Mas agora tenho um concurso público muito almejado: um concurso público para a docência.

Diante do exposto acima sobre os relatos da minha experiência na Educação de Jovens Adultos e conforme Santos e Andrade (2021, p. 315), “a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como uma modalidade de ensino que se apropria de uma postura de cunho igualitário e tenta, em alguma medida, suprir as lacunas deixadas pela falta de acessibilidade à instituição escolar na idade indicada”. Considerando que a EJA é como um passaporte que nos permite voltar a ter acesso ao que nos foi privado anteriormente, mesmo diante das dificuldades, esses jovens e adultos passam a ter uma expectativa e uma visão de um futuro mais igualitária, que perpassa a exclusão do convívio social. Como bem expressa Ribeiro (2021), quando diz que “aquela mulher de trinta e quatro anos se sentia plena, como se as asas agora não precisassem

mais ser coladas; elas sempre estiveram ali aguardando o momento do voo” (RIBEIRO, 2021, p. 171). Era assim que me sentia quando retornei à sala de aula na EJA, a única diferença entre mim e a autora era um ano de idade a mais que eu tinha.

Há muitas formas de mudanças, nas narrativas em nossa trajetória de vida, escolhi como inúmeros estudantes da Educação de Jovens e Adultos voltar a encarar novos desafios, percebe-se que “os percursos da cidade ou dos campos como passageiros da noite, do fim do dia, talvez os levem a reinventar suas esperanças de outros itinerários, de outros percursos humanos” (ARROYO, 2017, p. 43). O perfil desses estudantes vem sendo modificado no decorrer dos anos, a procura pela EJA está voltada não apenas para a alfabetização, visto que a maioria dos jovens e adultos almeja a qualificação profissional.

Outras mudanças ocorrem por necessidade de inclusão social, para que se sintam parte integrante da sociedade, buscando diminuir as desigualdades sociais da comunidade a que pertencem. Como no meu caso, que me sentia excluída pois a maioria dos meus colegas do Ensino Fundamental Anos Finais tinham concluído o Ensino Médio completo, com a formação do Magistério e alguns em Contabilidade. Apesar de no ano de 2008 já ter sido extinta a formação do Magistério, o que a princípio eu pensava em me formar ao terminar o Ensino Médio para que estivesse habilitada a fazer concurso público, pensando na estabilidade, que garantiria maior segurança no trabalho e qualificação profissional.

Na atualidade, é possível observar que o perfil dos estudantes, desde o meu retorno como estudante para a escola no Ensino Médio em 2009, sofreu algumas alterações, já que eram formados por pessoas em sua maioria adultas, mulheres casadas ou com filhos e também por alguns jovens onde a maioria procurava qualificação profissional.

Embora apareçam pessoas adultas que almejam um futuro melhor através da educação, percebo jovens sem nenhuma expectativa de mudança de vida através da EJA.

A literatura apresenta possibilidades de interpretação que vão desde a caracterização do público como pertencente às classes populares, com rosto e história de exclusão, consciente, militante, em busca de emancipação à compreensão de jovens e adultos como sujeitos em situação de desvantagem social que frequentam a escola para fugir da luta dura do dia-a-dia, buscar condições de melhoria imediata no espaço de trabalho, garantir a permanência em algum projeto social que estabelece a frequência na escola como condição precípua ou ainda para buscar certificação e espaço de sociabilidade (BORGHI, 2007, p. 228).

Muitos desses jovens e adultos abandonaram os estudos não porque quiseram, mas porque o destino os levou por caminhos que por algum tempo ficaram incompatíveis com sua realidade em dar continuidade aos estudos, seja por situações financeiras ou tiveram que trabalhar cedo para ajudar a sustentar a família. Por esses e outros motivos não se deve generalizar que estudantes da EJA são pessoas preguiçosas e incapazes de aprender. Em

relação aos colegas da minha turma do Ensino Médio na EJA, embora fossem privados de concluir os estudos em idade regular, viram através da Educação de Jovens e Adultos a possibilidade de tentar amenizar as desigualdades sociais em que estavam inseridos. Com muita luta, três colegas antes de mim concluíram a graduação, sendo que essas egressas da turma conseguiram concluir o curso de Pedagogia.

Como assinalado anteriormente, iniciei o Ensino Médio no ano de 2009, e concluí em 2010, sendo que o Ensino Médio na modalidade EJAI é formado por Tempos Formativos. “Desta forma, a organização da EJAI está dividida em quatro Tempos Formativos, sendo os Tempos Formativos I e II voltados ao segmento Ensino Fundamental, e o Tempo Formativo III voltado ao Ensino Médio” (ANDRADE; PEREIRA, 2021, p. 220). Concluí o primeiro e segundo anos em 2009, quando cursei as disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês, História, Artes Laborais, Geografia, Sociologia e Filosofia, finalizando o terceiro no ano seguinte, com as disciplinas de Matemática, Biologia, Química, Artes Laborais e Física.

Foi pensando em testar meus conhecimentos, e dos incentivos recebidos por parte de alguns professores, que resolvi me inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no final do Ensino Médio. Apesar das dificuldades em algumas áreas do conhecimento, essa foi a minha melhor nota em Redação desde as edições que já participei e obtive a nota 700, o que me deixou animada, pois não tinha muita expectativa por ter deixado os estudos por 17 anos e retornado na modalidade da EJA, sendo por diversas vezes discriminada por pessoas que não acreditam que a modalidade permite que o aluno tenha oportunidade de aprendizado, pois alguns acreditavam que só servia para certificação.

Já ouvi alguns maridos das estudantes da EJA falarem que, apesar de aceitarem que as esposas estudassem, não acreditavam que o Ensino da EJA proporcionaria novas oportunidades profissionais. Diante disso, pude confirmar a incredibilidade na modalidade por parte de algumas pessoas. Chovia um pouco naquela noite e aquelas palavras pareciam tão frias, apesar de sentir que o meu esforço parecia não ter importância para algumas pessoas, prontamente eu disse que se a minha vida terminasse naquele momento já teria valido à pena, pois eu já tinha realizado meu sonho, que era o de voltar a estudar. Se na hora me mostrei forte, em casa não consegui conter a minha revolta e chorei sem cessar, porém, comecei a dizer pra mim mesma que ninguém teria o direito de tentar me diminuir, e que eu seria a única responsável pelo sucesso ou fracasso das minhas ações, principalmente no que se refere aos estudos.

De acordo com Barreto, Miranda e Nascimento (2020), alguns alunos relataram que sofriam certo tipo de preconceito por parte de amigos e pessoas da família, quando

comunicaram que fariam a matrícula na EJA, que estes os aconselhavam a fazer a matrícula no ensino regular, alegando que na EJA diminuiria o tempo e os conteúdos em sala. O que os deixava aborrecidos com esse modo de ver daquelas pessoas.

Na verdade, as pessoas que frequentam a EJAI idealizam que apesar das dificuldades podem alcançar seus objetivos com muita persistência e dedicação, não é à toa que existem alunos egressos dessa modalidade que conquistaram a titulação de doutorado. Apesar de ter encontrado muitas dificuldades, primeiramente em não ter com quem deixar os filhos para estudar, ter que faltar às aulas se algum dos filhos adocessem, falta de tempo em conciliar trabalho na roça, afazeres domésticos, cuidar dos filhos, fazer as tarefas da EJA, aos poucos fui tentando me adaptar à nova realidade e com muita persistência e também não dando ouvidos às críticas e ao preconceito de pessoas que não tinham uma visão de emancipação que possivelmente os estudos trariam pra minha vida, no ano de 2010 consegui concluir o Ensino Médio na modalidade da EJA.

Mas, a minha trajetória não se encerra no Ensino Médio. Ela continuou no Ensino Superior e nas páginas a seguir serão relatados a persistência em continuar prestando o ENEM, os desafios da minha entrada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a minha permanência no curso da Licenciatura em Biologia.

5. A FILHA DE AGRICULTORES EGRESSA DA EJA INGRESSA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL NO RECÔNCAVO DA BAHIA

Neste capítulo será narrada a minha entrada no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bem como consegui permanecer no curso até a conclusão diante das dificuldades, e também a possibilidade de permanência mediante a superação dos obstáculos durante essa minha trajetória, que chega ao final do curso, passando a me reconhecer como parte integrante dessa comunidade acadêmica.

5.1. O ACESSO À UFRB

Na atualidade ainda existem barreiras para o acesso e a permanência ao Ensino Superior, no entanto, esses obstáculos vêm sendo diminuídos com a implantação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

“No Brasil, a discussão sobre a emergência e implantação das propostas de acesso dos jovens das camadas populares e de negros ao ensino superior ocorre a partir dos anos de 1990 através de um caloroso debate tanto na sociedade como nas universidades públicas” (KRAINSKI, 2014, p. 4). Com a intensificação no número de vagas, os alunos oriundos das classes menos favorecidas e vindos de escolas públicas estão com maior frequência sendo inseridos em um curso Superior. No setor privado, por exemplo, a inserção desse público conta com o Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e o Programa de Financiamento Estudantil (FIES); já no setor público, o ENEM intensificou o número de vagas com as políticas afirmativas através de cotas que permitiram que alunos de escola pública ingressarem em Instituições Federais (COSTA; DIAS, 2015).

Nessa mesma direção, no Brasil, com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em 2008, houve o crescimento do Ensino Superior, aderindo às cotas raciais, criação do ENEM, que através do SISU teve um crescente aumento no número de vagas em universidades pelo país. Já no setor privado, essa oferta teve aumento em virtude da criação do Financiamento Estudantil (FIES) e Programa Universidade Para Todos (PROUNI), com início em 1999 e 2004 (COULON, 2017).

Entretanto as estratégias mencionadas ainda são insuficientes para garantir a permanência de grande parte desses estudantes, “a implantação de ações afirmativas, dentre essas, a política de cotas buscou corrigir as lacunas deixadas pela insuficiência das políticas universalistas, atuando no sentido de promover a representação de grupos excluídos desse processo” (KRAINSKI, 2014, p. 4). A possibilidade de acesso a uma universidade pública ou instituições privadas por estudantes de escolas públicas cria grande expectativa.

Como afirmam Krainski e Ponce (2015, p. 153): “O ingresso na universidade representa uma conquista, pois, em muitos casos, ele é o primeiro membro da família a entrar para a educação superior. A inserção na vida universitária aparece atrelada a uma vida melhor - econômica e social”. Embora existam alunos dispostos a tentar recuperar o tempo em que estiveram afastados dos estudos, como no caso dos alunos egressos da EJA que pretendem dar continuidade aos estudos, os mesmos enfrentarão muitas dificuldades em relação a conteúdos, caso estes ingressem em um curso de nível superior.

Segundo Krainski (2014, p. 1), “[...] o acesso constitui-se ainda um desafio presente nas políticas educacionais como nas instituições de ensino superior e parte do processo de enfrentamento das desigualdades econômicas e socioculturais que caracterizam as sociedades modernas”. As lacunas formativas contribuem para aumentar essas desigualdades, vistos que os currículos, principalmente da Educação de Jovens e Adultos, deixam a desejar, influenciando de forma desfavorável para ingresso destes alunos em um curso Superior, pois vários conteúdos não são abordados no Ensino Médio, nem mesmo de forma superficial, sendo estes de grande relevância para a aprovação.

Em relação à Educação Básica, não se pode infantilizar o currículo de jovens e adultos como se eles não tivessem a necessidade e o direito de agregar novos conhecimentos que os possibilite encarar o Ensino Superior. Essas limitações remetem à insegurança por possuir uma baixa estima, quando carregam a ideia de que nunca vão conseguir se superar para conseguir agregar novos conhecimentos durante sua trajetória na vida acadêmica. É possível perceber que esses estudantes, por conta dessa insegurança, deixam de empenhar-se ou nem tentam ingressar em uma universidade, isso contribui negativamente para que esses estudantes não sejam aprovados em cursos de nível superior, principalmente em uma Universidade Pública ou Faculdades Particulares através de bolsas oferecidas pelas instituições.

Ao mesmo tempo que eu tinha essa percepção excludente, no entanto, foi pensando em testar meus conhecimentos e quem sabe ser aprovada em um curso de nível superior que me inscrevi pela primeira vez no ENEM, no ano de 2010. Mesmo não sendo aprovada, continuei fazendo o Exame Nacional do Ensino Médio nos anos seguintes de 2011, 2012, 2013 e 2014.

Sendo que, apesar de no ano de 2010 tirar a melhor nota durante os anos em que fiz o Enem, por falta de acesso à internet, não acompanhava todo o processo seletivo da UFRB.

A universidade desta forma deveria ter um olhar diferenciado para esses estudantes trabalhadores que não possuem acesso às tecnologias digitais necessárias, para que os mesmos, quando aprovados, consigam permanecer na universidade. Porém em vista da dificuldade de internet, não consegui a vaga, uma vez que eu não tinha renda fixa, trabalhando apenas na roça, o que não permitia pagar mensalmente plano de internet, a minha única renda mensal da época era o bolsa família. E o salário do meu marido não era suficiente para pagar a internet. Em meio a todas as tentativas dos anos de 2010 a 2014, em 2014 fiz porque já estava inscrita, e nem cheguei a me inscrever em nenhum curso, pois já tinha sido aprovada na edição anterior. Sendo que no ano de 2013, contei com a boa vontade de duas vizinhas, acompanhando todas as etapas, quando me auxiliavam cedendo o acesso de sua internet durante todo percurso do processo seletivo do curso de Licenciatura em Biologia e não cobravam nada por isso. Sem contar que elas foram grandes incentivadoras para que eu viesse a ingressar na Universidade.

Primeiramente pensava em fazer um curso na área da Licenciatura em Letras, já que gostava muito de Língua Portuguesa, mas com o passar dos anos, e como gostava muito da disciplina de História e das histórias contadas por pessoas velhas, então passei a pensar em fazer um curso de graduação em História.

Recordo-me o quanto era divertido ouvir meu avô contar as histórias do passado, falava das secas da região, do governo de Getúlio Vargas e assombrações que ele acreditava serem vistas com frequência por algumas pessoas da sua época, e também das histórias contadas por um senhor que morava próximo do posto telefônico em que eu trabalhava, parava para ouvir aquelas histórias contadas por eles, que significavam pra mim uma viagem ao passado, então passei a pensar em fazer um curso de graduação em História. Porém, como considerava que seria mais complicado estudar à noite na UFRB de Cachoeira, onde existe o curso noturno de História mais próximo, resolvi então tentar o curso de Licenciatura em Biologia, apesar de gostar do curso, temia apenas as disciplinas específicas, que exigiriam bastante dos conhecimentos prévios adquiridos durante o Ensino Médio.

Esse choque de realidade entre o que foi ministrado e o que é minimamente exigido em processos seletivos pode ser crucial para desencorajar a busca por uma vaga e a permanência na universidade. Quando pensei em fazer o ENEM, me sentia incapacitada de chegar a uma possível aprovação, principalmente na área das disciplinas de Física, Química, Biologia Molecular, Genética e Matemática, pois considerava que não aprendi o bastante para

ter êxito e conseguir uma vaga em uma universidade pública ou uma bolsa do PROUNI em faculdade privada.

Mas, contrariando as estatísticas, consegui a tão sonhada aprovação. Finalmente em 2014 consegui ser aprovada no Curso de Licenciatura em Biologia na UFRB através do SISU (Sistema de Seleção Unificada) no semestre de 2014.2, que por causa de uma greve começaria a cursar a tão sonhada vaga no início de 2015. Como afirma Zago (2006) em uma pesquisa realizada, os alunos, quando aprovados no vestibular na primeira tentativa ou após tentar várias vezes, ficam incrédulos ao avistarem seu nome na lista dos aprovados, isso se deve ao fato de estudarem em escola pública e a baixa autoestima os faz duvidar da sua própria capacidade em conquistar a tão sonhada vaga. Foi assim que me senti, quando minha filha chegou da casa de uma vizinha que na época tinha um espaço que funcionava como uma lan house, mas que nem sempre nos cobrava pelo acesso da internet, nem acreditei quando ela disse que eu tinha passado no curso de Licenciatura em Biologia e ela também foi aprovada no curso do Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas (BCET) ambos na UFRB, Campus de Cruz das Almas.

Quase não acreditei que depois de algumas tentativas iria finalmente ter a chance de entrar em uma Universidade Pública. Isto porque a falta de recursos financeiros, dentre outros fatores, ainda dificulta grande parcela desses estudantes de ingressar em Instituições de Ensino Superior (IES). “Entre as dificuldades desses alunos estão à necessidade de se conciliar trabalho e estudo, a adaptação a um novo sistema de ensino, o que exige maior autonomia, conhecimentos prévios formais e informais de maior complexidade [...]” (COSTA; DIAS, 2015, p. 52).

São inúmeras as dificuldades de acesso ao Ensino Superior, principalmente das classes menos favorecidas. Segundo Krainski (2014, p. 4), “a implantação de ações afirmativas, dentre essas, a política de cotas buscou corrigir as lacunas deixadas pela insuficiência das políticas universalistas, atuando no sentido de promover a representação de grupos excluídos desse processo”. É importante ressaltar que não entrei na universidade através de cotas, na realidade eu imaginava que como a UFRB fica no Recôncavo Baiano, em que sua maioria é composta por estudantes negros e de escolas públicas, resolvi optar por me inscrever pela ampla concorrência, onde havia mais vagas, acreditando que eu teria mais chance. Apesar de não ser aprovada logo nas primeiras chamadas, me inscrevi na lista de espera, o que possibilitou minha aprovação na primeira chamada da lista de espera, ficando na posição 13 das 19 vagas remanescentes na modalidade de Ampla Concorrência.

Diante da minha aprovação, senti um misto de realização e frustração, apesar de conseguir a vaga, ao mesmo tempo vi as inúmeras possibilidades da não concretização, nem mesmo dar início à graduação, e por morar em outro município, mesmo sendo próximo, isso iria demandar tempo, custo financeiro, até mesmo uma simples xerox teria algum custo, e um transporte disponível e consequentemente estudantes o suficiente para que o transporte fosse pago por eles por um preço que fosse acessível para todos. Ao mesmo tempo, a princípio surgiram tantos obstáculos e julgamentos sem fundamento, pessoas que por desconhecimento ou mesmo por preconceitos de uma mulher e mãe entrar na universidade, como se a minha vez de estudar já tivesse passado, em virtude da idade, sendo que para alguns entrar em uma Universidade é para os mais jovens, a exemplo da minha filha. Ouvi que que no mesmo caso eu só iria atrapalhá-la ao invés de ajudá-la.

Em contrapartida, não posso esquecer também de alguns incentivos de pessoas que acreditavam que os estudos abririam novas oportunidades na minha vida e para minha família. Pois, como afirma Zago (2006, p. 233), “se o ingresso no ensino superior representa para esse grupo de estudantes “uma vitória”, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso”. Existia grande chance de nem mesmo iniciar o curso por falta de transporte que me conduzisse à noite para o município de Cruz das Almas, morando em Jacarezinho, zona rural de Governador Mangabeira, que fica a 22,8 km do município de Cruz das Almas, pois o curso era noturno, o que dificultava ainda mais o acesso. Assim como as dificuldades financeiras para pagar o transporte, e ainda encontrar alguém que estivesse disposto a fazer transporte de estudantes da zona rural de Governador Mangabeira até a UFRB.

Apesar das dificuldades do percurso, expostos à violência, pois nessa época vivíamos um período violento na região, sujeitos a assaltos, principalmente por ser um curso noturno, ainda bem que um motorista de *topic* da zona rural se prontificou a fazer o transporte de algumas localidades do município de Governador Mangabeira, dentre as localidades a de Jacarezinho, onde o transporte era custeado com recursos próprios pelos alunos, saindo cedo de casa, por volta das 17h20min, entre passar em uma localidade e outra, na maioria das vezes chegávamos atrasadas na universidade, próximo às 19 horas, sendo que as aulas começavam às 18h30min, e no percurso de volta chegávamos perto da meia-noite ou mais tarde.

Pagaríamos mensalmente pelo acesso à UFRB e a outras faculdades particulares de Governador Mangabeira e Cruz das Almas, no entanto, nos primeiros dias não pude frequentar as aulas, pois só tinha eu e mais uma colega de curso, o que seria inviável para o transporte.

Na primeira semana não participei das aulas, outros dias fui de carona com uma conhecida, que fazia um cursinho preparatório para concurso, próximo à UFRB.

Quando o motorista do transporte começou a fazer o trajeto da zona rural do município de Governador Mangabeira, inclusive da localidade de Jacarezinho, para a UFRB de Cruz das Almas, finalmente pude participar todos os dias das aulas na universidade e me senti em um universo totalmente desconhecido, como se eu nunca viesse um dia a me familiarizar com aquele novo cenário. Para Coulon (2017, p. 6), “ser um membro é conhecer detalhadamente todas as sutilezas das relações sociais, é compartilhar as evidências do mundo em que se vive, é dominar e compartilhar de maneira ativa a linguagem natural e comum do grupo em que se vive”. Logo, ao entrar na universidade, o aluno deve passar por um processo de afiliação, Krainski (2014) traz que durante um estudo, um aluno relata que, durante o primeiro ano da universidade, sentiu bastantes obstáculos no que se refere à desinformação ao acesso à biblioteca, por exemplo, de como fazer a procura e pesquisar em livros. Sendo assim, podemos constatar através desse relato que quando o ingressante entra em um ambiente universitário, acontece um visível rompimento entre os níveis anteriores de escolaridade. O aluno ainda relata que existem dificuldades a que aos poucos os ingressos vão se adequando.

Como tinha uma visão bastante comum, acostumada a ter todas as aulas em uma única sala, me sentia desorientada, sendo que cada disciplina teria determinada sala, ou aconteceria em pavilhões distintos, como no caso do primeiro semestre, quando Matemática e Química eram ministradas no pavilhão do CETEC (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas), sendo as demais disciplinas no pavilhão do CCAAB (Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas), sem contar com as aulas práticas, que aconteceriam em laboratórios distantes dos pavilhões de aulas.

Segundo Coulon (2008, p. 31), “A primeira tarefa que um estudante deve realizar quando ele chega à universidade é aprender o ofício de estudante”. É bastante comum no início da graduação nos sentirmos desorientados, uma vez que precisamos ter mais autonomia, pois não se trata mais do Ensino Médio e o aluno precisa aprender a ser autônomo nesse nosso cenário, a princípio muitos não sabem minimamente como pegar um livro na biblioteca, acessar o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), sendo a plataforma mais utilizada pela UFRB, mais tarde passou a ser o SIGAA (Sistema de Gestão das Atividades Acadêmicas) que também muitos estudantes têm dificuldade de acesso de enviar uma atividade, principalmente no início do curso. A falta de informação, até mesmo onde ficam as aulas de determinadas disciplinas, a exemplo de Zoologia dos Vertebrados e Invertebrados, em que as aulas práticas são realizadas em laboratórios, ficando afastados dos pavilhões das aulas teóricas.

Relembro ainda da minha primeira aula na UFRB, no laboratório da disciplina Morfologia e Anatomia das Angiospermas, em um ambiente totalmente novo, aulas apresentadas em slides, eu procurava acompanhar e copiar o conteúdo, a professora, em meio às explicações, nos falava “não precisa copiar, pois está tudo no AVA”, que significa ambiente virtual de aprendizagem. Me sentia como uma estranha em meio ao acesso ao AVA, considerando que até alguns professores possuem algumas limitações no acesso ao AVA por exemplo. Nessa mesma direção, segundo Santo, Lima e Oliveira (2021, p. 115),

Destaca-se que a necessidade da utilização das tecnologias digitais como suporte à mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem antecede às demandas da pandemia Covid-19. Importante lembrar, neste contexto, que os debates, nos idos dos anos 1990, no Brasil, acerca das “Novas Tecnologias da Educação”, denominadas posteriormente de “Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação”, não chegaram em sua inteireza às unidades escolares da Educação Básica, por meio da formação continuada ou mesmo da preparação inicial, oriunda dos cursos de formação docente das Universidades brasileiras.

Tinha dificuldades no acesso às tecnologias e o que para alguns parecia uma tarefa simples, eu não tinha um direcionamento de como funcionava exatamente, apesar de ter feito um curso de informática anteriormente, visto que este não me possibilitou entrar na universidade com grandes habilidades tecnológicas. Para Grossi, Costa e Santos (2013, p. 71), “A era atual, caracterizada pelas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs), tem promovido transformações em diversos setores da sociedade, gerando uma recente realidade social marcada pelas novas formas de dominação, desigualdades e exclusões”. Tentava copiar tudo o que o tempo permitia, pois apesar de ter comprado um notebook, não tinha internet em casa, o que me dificultou muito no início do curso.

Vale ressaltar que aprender o ofício de ser estudante é fundamental para que se venha a tornar-se um destes, para que o aluno não seja eliminado ou venha a eliminar-se, por permanecer como estranho nesse mundo moderno (COULON, 2008). A falta de internet, o desconhecimento do espaço foram alguns dos motivos pelos quais, ao chegar na universidade, percebi um ambiente totalmente diferente dos anos anteriores na Educação Básica. Conforme Krainski (2014, p. 7), “O estranhamento institucional é vivenciado nos primeiros anos da vida universitária; é uma espécie de transição da cultura escolar à cultura universitária”. Portanto, no primeiro semestre, por várias vezes me perguntava o que eu estava fazendo ali, mesmo com o entusiasmo e a concretização de um sonho, que era de entrar em uma universidade pública, às vezes batia um desânimo e até cheguei a pensar que aquele lugar não era para mim.

Houve também muitas dificuldades entre as aulas das disciplinas específicas, como Matemática, Biologia molecular, Fisiologia humana, Bioquímica, Química, Invertebrados e Genética e quase não me reconhecia, visto que sempre tirei boas notas durante o período em

que estudei, exceto em um ano na disciplina de Matemática, quando na 5ª série, ano de 1996, em que fiz uma única recuperação durante a Educação Básica, fui reprovada e meu pai disse que eu não estudaria mais. Fiquei fora da escola nos anos seguintes, 1987 e 1988, retornando em 1989. Consciente de que teria dificuldades em Matemática, logo pedi ajuda a um primo, que no início, me auxiliou na disciplina, então consegui me superar e desta forma continuei a tirar boas notas em todas as disciplinas, inclusive em Matemática até o término do Ensino Médio na EJA.

Diante de tantos empecilhos na universidade, percebi que passei do conceito de uma das melhores alunas, agora então me sentia como uma das piores alunas, com dificuldades de compreender os conteúdos e a realização das atividades acadêmicas, o que se refletia em notas baixas, o que eu não estava acostumada. Foi um período muito difícil e tive que admitir o fracasso. Considerando que não apenas as notas baixas me remetiam ao fracasso, me sentia em um universo muito solitário, onde eram poucos os colegas com que podia contar para juntos aprender os ofícios de estudante universitário, e nem todos os colegas de curso eram tão receptivos, percebia que boa parte dos professores eram indiferentes ou não conheciam a realidade dos alunos como eu, uma egressa da Educação de Jovens Adultos.

Alguns professores talvez não reconheciam que universitários no início do curso levam algum tempo para adaptação ou carregam alguma deficiência, seja de ordem financeira, como não ter acesso a uma internet disponível para a realização das atividades, pois alguns, sendo estudantes trabalhadores, muitas vezes não dispõem de tempo para ficar na universidade estudando, ou até mesmo condições de pagar um transporte para o deslocamento até a universidade para realizar as atividades acadêmicas com êxito, sem contar o tempo limitado para estudar o suficiente para um seminário, por exemplo. Considerando que este estudante ainda não tem a real percepção dessa mudança do cenário da escola para um mundo totalmente novo e pertencer a uma classe heterogênea em relação aos aprendizados que carrega antes da universidade, portanto carrega uma percepção excludente por se sentir incapacitado logo quando entra em um curso de nível Superior. “[...] Se os estudantes não conseguem de afiliar a esse novo mundo se encontram rapidamente em situação de fracasso” (COULON, 2017, p. 5). Anteriormente sempre requisitada por alguns colegas para participarem da minha equipe de trabalho no colégio, agora tinha a sensação de que alguns colegas me viam como alguém insignificante, e às vezes invisível, e que não faziam questão alguma da minha participação ou até formavam seus grupos de preferência com aqueles que tinham mais afinidade com a vida acadêmica e facilidade de assimilar certos conteúdos. “Sabemos que a transição do ensino médio para o ensino superior é delicada. Os índices de

fracasso e abandono, ao longo do primeiro ciclo universitário, traduzem a dificuldade dessa passagem” (COULON, 2008, p. 33). Entretanto, encontrei alguns colegas de curso que eram estudantes trabalhadores, também mulheres e mães, que moravam em cidades vizinhas e também algumas de municípios mais distantes, que vinham da zona rural ou mesmo de pequenas cidades do interior, chegando à universidade com dificuldades de aprendizado e, assim como eu, passavam por problemas de adaptação e sem julgamentos prévios, eram mais receptivos e assim seguíamos uns apoiando aos outros.

Em relação aos professores nas disciplinas específicas, quando um seminário era apresentado de forma inadequada, por exemplo, davam a entender, pelos olhares e comentários, que aquele não deveria ser a postura de um estudante universitário, eu tinha a impressão de que para alguns professores, esse perfil de estudantes não deveria fazer parte de uma universidade como a UFRB, e as vagas jamais ocupadas por pessoas tão despreparadas, e que deveríamos nos ocupar integralmente da universidade para atender as especificidades exigidas na vida acadêmica e que alunos como eu não deveriam estar na universidade. Embora outros fossem mais afetuosos, apesar do baixo desempenho de alguns alunos, talvez compreendessem a dificuldade de adaptação ao novo cenário em uma universidade. Pois segundo Zabala (1998, p. 216), “o aluno necessita de incentivos e estímulos. É necessário que conheça sua situação, em primeiro lugar, em relação a si mesmo e, em segundo lugar, em relação aos demais. Sem incentivos, sem estímulos e sem entusiasmo dificilmente poderá enfrentar o trabalho que lhe é proposto”. É possível destacar que através dos professores podemos ser estimulados a prosseguir a alcançar nossos objetivos e conquistar nossa autoestima pelo esforço e merecimento, ou até mesmo desestimulados por fraquejar por nos sentirmos incapazes de aprendermos determinados conteúdos, ou até mesmo ter baixo desempenho em nossas atividades acadêmicas, em apresentação de seminários, fazer relatórios, por exemplo.

É preciso acrescentar um outro fator às dificuldades já mencionadas: os estudantes e suas famílias acreditam que existe uma continuidade entre o ensino médio e o ensino superior, o que vai de encontro a uma série de rupturas simultâneas, tais como:

- rupturas nas condições de existência, [...]
- rupturas na vida afetiva, [...]
- em particular, uma ruptura relativa às regras de apropriação do saber (COULON, 2017, p. 4).

No meu caso especificamente, isso se deve muito à questão da afetividade e afiliação entre o corpo docente e os discentes na universidade, a relação desenvolvida com técnicos, pessoal da limpeza, segurança, colegas do curso e de cursos diferentes etc. e toda comunidade

acadêmica e com o passar do tempo, aos poucos comecei a me sentir em um ambiente mais familiarizado.

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p. 52).

É importante destacar que a afetividade tem papel importante entre professor e aluno, contribuindo de forma satisfatória no aprendizado do aluno, e esta foi uma das responsáveis pela minha permanência na UFRB.

5.2. A PERMANÊNCIA NA UFRB

É importante destacar que um dos motivos da minha permanência foi o auxílio transporte que consegui logo no segundo semestre, com muita dificuldade consegui pagar o transporte apenas no primeiro semestre, pois quando fiz a matrícula no segundo semestre tinha a esperança de conseguir o auxílio transporte do Programa de Permanência Qualificada (PPQ) que é oferecido pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) para pessoas com baixa renda, mediante a comprovação da renda familiar do estudante, pois do contrário teria que desistir da universidade, e isso eu não queria. Finalmente consegui o auxílio transporte e juntamente com o bolsa família conseguia pagar tanto o meu transporte, como de minha filha. Neste contexto, consigo perceber a importância das Políticas Públicas de Permanência do estudante no Ensino Superior implantadas pelo primeiro governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Foram e são políticas federais como essa que permitiram e possibilitam o acesso e a permanência de muitas pessoas da classe trabalhadora nas universidades públicas de modo geral.

Mais tarde, por conta de uma tentativa de assalto, o motorista se recusou a fazer o transporte, eu tive que usar o transporte da prefeitura, que me deixava em Quixabeira, a alguns quilômetros de Jacarezinho, onde ficava minha residência. Chegava por volta de meia-noite ou mais e meu marido tinha que me buscar de moto, isso aconteceu no ano de 2016. Por algum tempo tive que enfrentar essa situação, até que houve uma greve dos estudantes que seguiu até o final do ano. Já no início do ano de 2017, nos reunimos com o prefeito de Governador Mangabeira, recém-empossado, juntamente com o secretário de educação, que depois de duas ou três reuniões, concedeu o transporte gratuito do município, incluindo a zona

rural, para todos os estudantes da UFRB, cursos técnicos e faculdades particulares, o que nos deixou mais confiantes em estudar principalmente no turno noturno.

Nas disciplinas pedagógicas, apesar de não serem nada fáceis, a receptividade de alguns professores me encorajou a persistir, outros com maior rigor também contribuíram para um melhor desempenho na realização de atividades e desenvolvimento acadêmico. Por outro lado, os primeiros estágios aconteceram no ano de 2017, quando comecei a atuar como professora de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, ao mesmo tempo era desafiante e tão gratificante manter os vínculos entre escola, universidade e escola do estágio. Quanto aos professores do Estágio supervisionado I e II na universidade, se mostraram talvez até surpresos com as dificuldades que alguns alunos apresentavam, que pareciam fora contexto para um futuro professor, no entanto esses professores se preocupavam em mostrar a possibilidade de vencer esses desafios no enfrentamento das adversidades, a exemplo da organização e escrita do relatório de estágio.

No que se refere aos professores regentes nos estágios, contribuíram decisivamente para minha formação de professora, pois apesar das dificuldades que enfrentei, me influenciaram positivamente no desenvolvimento de atividades de observação e de regência, dando algumas dicas de como prosseguir com as aulas, especificando os diferentes perfis das suas turmas. E ao mesmo tempo davam autonomia durante as aulas de regência, por outro lado era muito pouco tempo entre as aulas da universidade, os estágios e as aulas da escola onde comecei a trabalhar no ano de 2017, na qual assumi uma turma do 5º ano, sendo complicado administrar o tempo.

Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas (PIMENTA; LIMA, 2002/2006, p. 12-13).

Nos estágios I e II fiz em dupla com uma colega de curso, havendo um desencontro na elaboração e organização das atividades nesse período, por esse motivo decidi fazer os estágios III e IV sozinha, sendo assim eu me organizava e planejava as aulas do estágio e da escola onde eu trabalhava, de acordo com a disponibilidade de tempo, sem contar as outras disciplinas da universidade. Apesar de já estar mais adaptada no ano de 2018, reprovei em Bioquímica e novamente em Matemática.

Dentre os aspectos que contribuem para o processo de evasão e o impedimento de permanência no Ensino Superior está:

Conciliar estudos e trabalho é uma das dificuldades apontadas que desmotivam os estudantes. É consenso entre os estudantes que trabalham que o maior inconveniente é a falta de tempo para ler os textos, preparar os trabalhos, estudar para as provas e envolver-se nas atividades internas da universidade (KRAINSKI; PONCE, 2015, p. 156).

Levando em consideração o pouco tempo para se dedicarem aos estudos, os estudantes que trabalham acabam diminuindo seu rendimento em um curso superior, levando em consideração as dificuldades de assimilar conteúdos em certas disciplinas. Isso se reflete em baixas notas e o que acaba gerando uma baixa autoestima e exclusão na comunidade acadêmica, levando à evasão nos primeiros anos da graduação. É importante ressaltar que, apesar de ser uma estudante universitária, para mim o nível de dificuldades só aumentou, visto que eu continuava sendo uma mulher e mãe, trabalhadora e tive que aprender a ser uma estudante universitária, que inicia a graduação aos 42 anos e conclui o curso aos 49 anos. Há de se convir que precisei passar por um processo de afiliação.

Conforme Coulon (2017, p. 9),

Ser afiliado é ter adquirido a fluência que se funda na atualização dos códigos que transformam as instruções do trabalho universitário em evidências intelectuais. Uma das maiores razões dos abandonos e dos fracassos é o fato de o estudante não decifrar e, depois, incorporar esses códigos que chamei de marcadores de afiliação. A afiliação constrói um habitus de estudante, que permite que o reconheçamos como tal [...].

Como se pode prever, com certeza, as dificuldades que tive foram maiores que a de uma pessoa jovem durante a graduação, e isso levou mais tempo no processo de afiliação. Leve-se em conta também que os trabalhadores estudantes que frequentam cursos noturnos estão sujeitos a ter pouco desempenho na universidade, pois devido à vida, corrida falta tempo para a realização das atividades, sem contar que as lacunas formativas interferirão na permanência até a finalização do curso. Mesmo quando fui aprovada no curso de Licenciatura em Biologia, não sabia se comemorava ou se ficava insegura pela real possibilidade de ser inviável, por não ter condições de custear os gastos, principalmente com o transporte para permanecer na universidade, sendo aprovada em um curso noturno estaria mais exposta às questões como a violência durante o percurso de ida e vinda da Universidade. Além da falta de transporte disponível e gratuito por conta do horário, e até mesmo quando com grande esforço se consegue pagar, existe a deficiência em conseguir quem se habilite na condução desses estudantes.

“Pode-se dizer que a questão da evasão educacional está relacionada a múltiplos fatores, como características pessoais, condições econômicas, dúvidas em relação à opção realizada, entre outras” (COSTA; DIAS, 2015, p. 53). Também estão vinculados a essas

dificuldades aspectos como o transporte, sendo um dos fatores que dificultam o acesso e a permanência dos alunos, principalmente alunos de classes vulneráveis financeiramente. “[...] ausência de políticas de permanência no ensino superior e financiamento de amplo alcance para o estudante vêm perpetuando o quadro de exclusão social” (KRAINSKI, 2014, p. 3). Por falta dessas políticas que venham a beneficiar os estudantes das classes menos favorecidas, o sistema inclui e exclui ao mesmo tempo.

Se houve progressos na ampliação do acesso ao ensino superior, a permanência dos alunos nesse nível de ensino é ainda problemática, e um de seus indícios é o fenômeno da evasão. Portanto, ocorreram mudanças nas formas de exclusão, pois, se antes ela se dava prioritariamente pela contenção no acesso, hoje, a exclusão se faz no interior do sistema de ensino (ZAGO; PAIXÃO; PEREIRA, 2016, p. 147).

Portanto, ressalto a importância das políticas afirmativas que venham a dar suporte às classes menos favorecidas, pois quando fiz a minha matrícula no segundo semestre, tinha esperança de conseguir o auxílio transporte e se não conseguisse teria que desistir do curso e isso pra mim seria muito frustrante.

Diante dessa realidade, fui convocada para um acompanhamento pedagógico pelo Núcleo de Acompanhamento Integrado ao Estudante (NAIE/PROPAAE), já que tinha conseguido o auxílio transporte, que tinha me possibilitado dar seguimento ao curso a partir do 2º semestre, além das orientações fui comunicada do final do auxílio transporte, pois estava vencendo o prazo do oitavo semestre. Acatei as orientações pedagógicas, que mais tarde surtiram efeito, como começar a estudar todos os dias em disciplinas que eu tinha mais dificuldades, assim conseguir ser aprovada em Bioquímica, por exemplo. “A mudança mais espetacular que se produz com o ingresso na universidade é a relação dos novos estudantes com as regras e os saberes, uma verdadeira aprendizagem prática que deve ser desenvolvida” (COULON, 2017, p. 4).

Assim, mesmo tendo sido reprovada anteriormente nas disciplinas de Matemática e Química, e ainda ter muita dificuldade nestas, pude continuar a vencer os desafios durante a minha trajetória na universidade. As lacunas formativas têm grande influência não apenas no acesso, mas também na permanência acadêmica por falta de conteúdos e metodologias que preparem melhor esse aluno egresso da EJA para o prosseguimento nos estudos com engajamento nas mudanças que o novo sistema de ensino impõe. Segundo Costa e Dias (2015), para que o Ensino Superior (ES) consiga saldar as dívidas ao longo dos anos, deve-se desconstruir preconceitos de que a universidade é para uma pequena parcela da população e que os recém-ingressados vindos das camadas populares e que estudaram em escola pública não têm a capacidade de ter um bom desempenho e conseguir uma formação qualificada.

É preciso superar preconceitos aos alunos advindos de uma educação onde as lacunas formativas perduram, frente à ideia de que alunos egressos da EJA não aprenderam muito devido ao tempo limitado, e que na maioria são pessoas trabalhadoras que chegam cansados das lutas do cotidiano, o que desobriga que certos conteúdos sejam ministrados com maior aprofundamento. É preciso que estes não sejam considerados fatores para a não permanência em um curso superior.

Havia ainda olhares de indiferença por parte de alguns professores e colegas, como se eu estivesse de forma invisível e não pertencesse à comunidade acadêmica, essas deficiências em assimilar conteúdos complexos, pois em algumas disciplinas como Genética, por exemplo, tudo era novo pra mim, visto que durante o Ensino Médio não foram vistas, o que me levou a ser reprovada pela primeira vez em alguns componentes, porém quando repetia a mesma disciplina, na maioria das vezes tirava uma boa nota ou razoável, exceto Matemática, que foi a mais complicada de ser aprovada.

Isso o que me fez perceber a necessidade de uma maior dedicação por conta dessa deficiência que carregava da educação básica. No entanto, com muita persistência, podemos vencer os desafios que alunos egressos da EJA encontrarão nessa jornada desafiante. Para permanecer no curso, apesar das dificuldades, fui conseguindo vencer por meio das superações que vim agregando ao longo do curso, através do acolhimento de alguns colegas e professores, começando assim um processo de afiliação, tendo que assumir algumas deficiências e buscar superar através do empenho das atividades acadêmicas. Isso acontece quando passo a me reconhecer como uma estudante universitária que faz parte da comunidade acadêmica da UFRB.

5.3. A CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA

Chegar ao final do curso foi um tanto quanto desafiador, pois apesar de passar por algumas reprovações em componentes curriculares como Complementos de Química, Genética Geral, Bioquímica para Licenciatura e Matemática (reprovada três vezes nesta) e muitas vezes ter a vontade de desistir do curso, diante dos obstáculos enfrentados durante essa minha trajetória, por me considerar incapaz de vencer as barreiras durante o curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, aos poucos fui conquistando minha autoestima, antes eu duvidava de conseguir melhorar minha escrita, durante os primeiros estágios, por exemplo, a princípio carregava uma percepção excludente quanto a minha capacidade de superar os desafios, ultrapassando os medos e frustrações dos

limites que eram condicionados e impostos pela sociedade, mais do que isso, pois nem sempre as pessoas visualizam que uma mulher negra, lavradora e mãe de quatro filhos durante sua trajetória possa conseguir construir e (des)construir identidades. “Por outro lado, as identidades pessoais vêm sendo redefinidas. Identidades femininas, negras, indígenas, do campo” (ARROYO, 2007, p. 17).

Para vencer as barreiras do preconceito, venho protagonizando minha trajetória para aceitação e inclusão em um mundo totalmente diferente de uma egressa da Educação de Jovens e Adultos. Do ponto de vista de Arroyo (2007, p. 33), “outra forma de desconstruir a crença na desigualdade de capacidades de aprender é confrontá-la com o direito igual de todos à educação, ao conhecimento e à cultura”. Em relação aos estágios, embora me sentisse insegura, tive a autonomia e apoio por parte das professoras regentes das turmas em que fiz os estágios nos quatro estágios do curso, o que me fez ter mais credibilidade em minha capacidade de superação.

Não posso esquecer que também recebi ajuda e orientação de colegas que talvez nos semestres iniciais não visualizaram que eu poderia seguir adiante apesar das adversidades, sendo que mais tarde estes passaram a reconhecer que aos poucos eu estava me superando.

O que não me fez desistir foram as diversas possibilidades de visualizar que apesar das dificuldades enfrentadas nesse meu percurso formativo, a educação certamente transformaria minha vida a tal ponto que o desejo de mudança conseguiu ultrapassar as adversidades.

Agora assumo a condição de professora Licenciada em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que já exerce a profissão desde 2017, e no ano de 2019, precisamente a de professora de Ciências na escola CEPAVP no município de Governador Mangabeira-Bahia. Segundo Zabala (1998, p. 197), “[...] podemos entender que a função social do ensino não consiste apenas em promover e selecionar os “mais aptos” para a universidade, mas que abarca outras dimensões da personalidade”. E para fechar com chave de ouro no ano de 2022 e 2023, tive o privilégio de assumir como professora também na modalidade da EJA, onde estou tendo a oportunidade de mostrar aos meus alunos que apesar das dificuldades e falta de credibilidade na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, podemos transformar essa realidade, para nos transportar a lugares que nem imaginamos necessitamos apenas ter foco e persistência.

É importante ressaltar que chegar ao final do curso, com a finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), está sendo mais uma barreira que estou conseguindo vencer, além de conseguir escrever sobre um tema pertinente para minha realidade, considerando que não foi nada fácil terminar o curso de Licenciatura em Biologia, no entanto esta fase é mais

um momento de superação, de mais um dos desafios encontrados na trajetória de uma egressa da Educação de Jovens e Adultos e Idosos. Logo de início tinha a impressão de que não conseguiria concluir a escrita do TCC, vencendo as fragilidades da escrita, consegui me superar mais uma vez e, apesar de trabalhoso, houve muitos momentos que fizeram me transportar através das narrativas, de volta ao passado que conduz de volta a um tempo não muito distante, visto que em momentos anteriores, era considerado que a conclusão do curso era impossível de se concretizar. Assim, explicito e busco compreender, dialogando com os autores, minhas memórias, transmutando-as enquanto narrativas de uma egressa da EJA que se torna professora da EJA. Mas isto é uma outra pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou compreender as limitações e os desafios para a permanência de uma egressa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no curso Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Diante disso, podemos entender que, embora haja múltiplas limitações e desafios para o ingresso e permanência de estudantes egressos da EJA, através das minhas narrativas fica evidente que as limitações e desafios podem ser superados durante a trajetória acadêmica, o que me fez aos poucos reconhecer a falta da sensibilidade pedagógica por parte de alguns professores ou mesmo de uma postura mais inclusiva na universidade no que toca ao período de afiliação por que passam os estudantes, já que estes vêm de realidades diferentes, constituídas por um público heterogêneo. Por esses motivos, percebi então que necessitava de mais dedicação e maior empenho no que se refere aos conteúdos de algumas disciplinas. Portanto, desta forma consegui vencer as barreiras que delimitavam esse percurso da vida acadêmica, que apesar de contraditório, foram superadas durante o curso em uma universidade pública do recôncavo da Bahia.

Durante esse trabalho de caráter autobiográfico, investigo a melhor maneira de entender as possibilidades de superação das lacunas formativas no percurso dos egressos da EJA na Licenciatura em Biologia, relatando que apesar da existência das lacunas formativas na condição de egressa na modalidade da EJA durante o Ensino Médio, elas são superadas. Nessa mesma direção, as deficiências de conteúdos prévios puderam ser sanadas, com persistência e maior empenho, a exemplo dos conteúdos de Genética e Matemática, a superação dessas lacunas possibilitou o entendimento de que, apesar de ter havido algumas deficiências no aprendizado anteriormente, consigo ir além do previsto.

É relevante destacar a importância e as limitações do Ensino da EJA para o ingresso no Ensino Superior, não se pode desconsiderar que o Ensino da EJA, embora apresente inúmeras limitações durante o percurso rumo à universidade, propicia aos estudantes, além da certificação e de agregarem novos conhecimentos dessa modalidade, um passaporte para sua realização pessoal e de prosseguimento nos estudos, que no meu caso levou à conclusão do curso de Licenciatura em Biologia na UFRB.

Ainda é importante considerar que relatar os desafios encontrados no curso de Licenciatura em Biologia contribui, por meio das minhas narrativas, para o conhecimento público da real situação enfrentada durante o percurso desta licenciatura. Obstáculos no que diz respeito às dificuldades financeiras, a precisar pagar um transporte no início do curso,

dificuldades de adaptação ao espaço desconhecido, e por reprovar em alguns componentes. Em contrapartida essas dificuldades são ultrapassadas e as barreiras vencidas, passando por um processo de afiliação, isso se comprova quando fica evidente que nenhum desses empecilhos me impediu de concluir o curso.

A EJA significou a possibilidade de vivenciar novas preceptivas, pois através dessa modalidade me permitiu a concluir o Ensino Médio, sendo como passaporte da vida acadêmica, mesmo diante dos obstáculos. É possível perceber que a mesma teve grande importância na vida de uma egressa desde sua entrada e permeância em uma universidade pública

Mesmo diante das limitações e desafios que uma estudante egressa da EJA precisa superar durante sua trajetória para permanecer no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, concluo que, por meio da minha autobiografia, sinalizo que é possível aos egressos da EJA quebrarem preconceitos e passem a se perceber como integrantes da comunidade acadêmica. No meu caso a UFRB, fez parte de um cenário em que histórias de vida são transformadas por meio da educação, em que a modalidade da EJA deixa de ser vilã e passa a ser considerada com passaporte, proporcionando novos horizontes para os que não tiveram a oportunidade de estudar em idade regular, pois sempre será tempo de aprender.

Essa temática de suma relevância precisa que novos estudos venham a ser feitos, gerando debates em torno da importância da modalidade da EJA, conhecendo a trajetória desses egressos no Ensino Superior e que novos pesquisadores, diante das justificativas apresentadas, possam contribuir no sentido de quebrar paradigmas que são condicionados na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

7. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica **Revista História da Educação**, n.14, Pelotas, set. 2003, p. 79–95. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 06 out. 2022.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e voz, 2012. p. 15-38.

ANDRADE, Jaqueline Reis; PEREIRA, Marcos Paiva. Organização do trabalho pedagógico na EJAI: cenários possíveis, *In*: ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira (Orgs.). **Saberes e partilhas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos**. Cruz das Almas-Bahia: UFRB, 2021. p. 205- 226.

ARROYO, Miguel González. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: SOARES, Leôncio (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica SECAD-MEC/UNESCO, 2006. 296 p. ISBN 85-7526-232-7.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educandos e educadores: seus direitos e o currículo. *In*: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (Org.). **Indagações sobre currículo: Educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-51.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BARRETO, Esmênia Soares Costa; MIRANDA, Joelma Rejane Santos Nascimento; NASCIMENTO, Marcos Santos. A inclusão do estudante da educação de jovens e adultos no ensino superior: desafios e perspectivas. *In*: IV CINTEDI, Campina Grande-PB. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72348>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BORGHI, I. S. M. Formação de educadores da EJA: Inquietações e perspectivas. **Diálogos possíveis**. v. 6 n. 2 julho/dezembro 2007. P. 227-238. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/235>. Acesso em: 04 de jan. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2904/lei-n-4.024>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)**. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

BRASIL, **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, Ministério da educação. Parecer CNE/CEB 6/2020. Alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade. **Diário Oficial da União**. Brasília, 10 dezembro 2020. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECEBN62020.pdf?query=BNCC%20EI%20EF. Acesso em: 15 set. 2022.

CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. A função reparadora na educação de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano escolar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 35, n. 21, p. 210-233, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/3962/3229/9070>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CASTOLDI, Rafael; BERNARDI, Rosângela; POLINARSKI, Celso Aparecido. Percepção dos problemas ambientais por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 56-80, 2009. Disponível em: <https://www.revistabrasileiradects.ufscar.br/index.php/cts/article/view/47>. Acesso em: 28 mar. 2023.

COSTA, S. L.; DIAS, S. M. B. A permanência no ensino superior e as estratégias institucionais de enfrentamento da evasão. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 9, n. 17 e 18, Janeiro-Junho e Agosto-Dezembro de 2015, p. 51-60.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 44, p. 1239-1250, out./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954>. Acesso em: 13 abr. 2023.

DELFINO, Elisabete Ferreira; FREITAS, Thaís Costa. EJAI: entre experiências, formações e autonomia, *In*: ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira (Orgs.).

Saberes e partilhas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Cruz das Almas-Bahia: UFRB, 2021. P. 31-51.

DI PIERRO, Maria Clara, JOIA, Orlando, RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedex**, ano XXI, n. 55, p. 58- 77, novembro/2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2022.

FARIA, Luciana Oliveira; FISCHER, Tânia. Privatização, mudança & evolução da estrutura organizacional em três momentos: Tebasa, Telebahia e Telemar. **o&s**, v. 8, n. 21, maio/agosto, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/VySJGtdvWzt8QNFLLYHRTMG/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2022.

FERNANDES, Rosangela M.; GOMES, Vilisia R. **Formação dos professores da EJA:** desafios e possibilidades. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/461/FORMA%C3%87%C3%83%20DOS%20PROFESSORES%20DA%20EJA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Denise; GALVÃO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, vol. 12, 2007, p. 219-233. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347196.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

GÓMEZ, M. R. F.; TORRES, J. C. Discutindo o Acesso e a Permanência no Ensino Superior no Contexto do SISU (Sistema de Seleção Unificada). **ORG & DEMO**, Marília, v. 16, n. 1, p. 69-88, Jan./Jun., 2015.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; COSTA, José Wilson; SANTOS, Ademir José. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 2, p. 68-85, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2480>. Acesso em: 13 abr. 2023.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, Mai/Jun/Jul/Ago. 2000, p. 108-130. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?lang=pt&format=pdf0>. Acesso em: 11 out. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 283. ISBN 978-85-7827-703-1.

PEREIRA, Luzia Santos; SANTANA, Viviane Santos. A Formação Docente para/na EJA (I). JORNADA BAIANA DE PEDAGOGIA, 1, 2013, Ilhéus. *Anais...* Ilhéus: Saberes e práticas docentes, 2013. 14 p.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.

05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 26 de jun. 2022.

KRAINSKI, L. B. A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade. *In: XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA DE ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO*. Florianópolis – Santa Catarina – Brasil, 3, 4 e 5 de dezembro de 2014. **Anais [...]**. ISBN: 978-85-68618-00-4.

KRAINSKI, L. B.; PONCE, B. J. Trajetórias de estudantes de escolas públicas: Elementos para repensar o acesso e a permanência no ensino superior. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 2, p. 145-161, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/1255>. Acesso em 22 fev. 2023.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA: Uma educação possível ou mera utopia**. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31001456/revista_selvaplopes.pdf?1363870610. Acesso em: 03 jul. 2020.

LINS, Maria José Farias. Sujeitos da educação de jovens e adultos: tempos de juventudes, de adultez e de velhices. *In: III SEMINÁRIO POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA*, 2010, Salvador. **Anais [...]**. 2010.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas**. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MOSCOVITS, Aline Batista *et al.* Formação e qualidade do educador da EJA: A juvenilização da EJA: caminhos para construção de uma escola de qualidade. *In: AMORIN, Antonio et al.* (Org.). **Gestão, qualidade de ensino e formação do educador da EJA**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 21-41.

MOTA, C. M. A.; SILVA, F. O.; RIOS, J. A. V. P. Pesquisa (auto) biográfica: Narrativas de si como espaço de formação nas escolas multisseriadas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista-Bahia-Brasil, v. 15, n. 32, p. 358-377, abr./jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5059/3926>. Acesso em: 05 out. 2020.

NASCIMENTO, Francineide Bárbara Silveira; SANTOS FILHO, Hildebrando Pereira; COSTA, Patrícia Lessa Santos. A mulher negra das classes da eja: Qualidade do ensino como fator para inserção no mercado de trabalho. *In: AMORIN, Antonio et al.* (Org.). **Gestão, qualidade de ensino e formação do educador da EJA**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 197-212.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Implicar-se... Implicando com professores**: tentando reproduzir sentidos na investigação/formação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

OLIVEIRA, Adelson Dias; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Documentação Narrativa de Experiências Educativas. Saberes docentes do Ensino Médio Rural a partir da realidade da escola. **Revista Márgenes de Educação da Universidade de Málaga**, v. 1,

p. 230-249, 30 set. 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/9494>. Acesso em: 10 out. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, vol. 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em:
<https://www.professorrenato.com/attachments/article/159/Est%C3%A1gio%20e%20doc%C3%A2nciadiferentes%20concep%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. ISBN 978-65-5921-091-6.

SANTO, Eniel Espírito; LIMA, Tatiana Polliana Pinto; OLIVEIRA, Adriano Dantas. **Competências digitais dos professores: da autoavaliação da práxis às necessidades formativas**. Disponível em:
<http://revistesdigitals.uvic.cat/index.php/obradigital/article/view/323>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SANTOS, Sandra Regina Nunes. **Políticas públicas, espaço e gênero: um estudo de caso sobre autonomia financeira das mulheres do bairro Mariana em Porto Velho**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2009.

SANTOS, Fredson Pereira; SILVA JUNIOR, Valter Manoel; SANTOS, Carla Liane N. EJA e a escola do campo: derrubando muralhas para fortalecer a educação cidadã. In: AMORIN, Antonio *et al.* (Org.). **Gestão, qualidade de ensino e formação do educador da EJA**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 69-87.

SANTOS, Gêssica Leal; ANDRADE, Maria Eurácia Barreto. In: ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira (Orgs.). **Saberes e partilhas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos**. Cruz das Almas-Bahia: UFRB, 2021. p. 315-340. ISBN 978-65-88622-92-6.

SAVELI, E. L. Narrativas autobiográficas de professores: Um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan.-jun. 2006.

SILVA, Wilton L. C. Espelho de palavras: Escrita de si, autoetnografia e ego-historia. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biografia**. São Paulo: Letra e voz, 2012. p. 40-61.

SILVA, Neilton. Processo de afiliação de egressos da EJA no ensino superior: Desafios e propostas à docência universitária. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 3, n. 5, p. 126, 2015. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1389>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SILVA, Patrícia Petitinga. **Estudei a vida e a vida ofereceu-me o ensino: trajetórias identitárias de uma professora-pesquisadora que ensina Ciências**. 2017.134 f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências, em Ensino, Filosofia e História das

Ciências) – Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual da Bahia, Salvador/ Feira de Santana, 2017.

SILVA, Íria Vannuci Barbosa; SANTOS, Andreia Barbosa. EJAI e educação popular: fios que tecem. *In*: ANDRADE, Maria Eurácia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira (Orgs.). **Saberes e partilhas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos**. Cruz das Almas-Bahia: UFRB, 2021. p. 31-51.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**: Narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino; MEIRELES, Mariana Martins. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, 2018, p. 282-303. Disponível em: <https://doceru.com/doc/cxc518n>. Acesso em: 05 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **Projeto pedagógico do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas**. Cruz das Almas, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/>. Acesso em: 14 set. 2023.

ZAGO, Nadir; PAIXÃO, Lea Pinheiro; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Acesso e permanência no ensino superior: problematizando a evasão em uma nova universidade federal. **Educação em Foco**, ano 19, n. 27, jan./abr. 2016, p. 145-169. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1334> Acesso em: 21 de set de 2020.